

Revista Adventista

Revista Mensal - Ano 75 - Nº 807 - €1,90

Agosto 2014

Investigar o Juízo investigativo



Podem os seres humanos conhecer o futuro?

Não seria bom conhecer o futuro?

08



Muitas "Terras", mas nenhuma vida

Os mistérios dos exoplanetas.

24



Ir a todo o mundo

Evangelizar a Janela 10/40.

30

Lançamento
em
SETEMBRO

-Ellen G. White-

O MAIOR discurso de CRISTO



COLEÇÃO
Folhas de Outono

Em Setembro, envolva-se no Projeto “Folhas de Outono”. Adquira e **ofereça** o livro **O Maior Discurso de Cristo**, de Ellen White. Ele revelará, a si e a quem o oferecer, a essência do Cristianismo, numa análise inspirada sobre o mais **surpreendente discurso** da História, feito pelo mais maravilhoso Homem, Jesus Cristo.

Publicadora SERVIR 

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

editorial

INTERPRETANDO AS ESCRITURAS

06

O Dilúvio foi um fenómeno global?

Recentemente têm sido sugeridas várias teorias que reduzem o alcance do Dilúvio a uma localização geográfica particular na Mesopotâmia, no Mar Negro ou noutros locais.

28

Um memorial da Salvação

"O problema com os Adventistas do Sétimo Dia", explicou o pregador, "é que eles acreditam que são salvos pelas suas obras".

23

A diferença de um só

EDITORIAL

04 O Juízo Investigativo

05 Memo

TEOLOGIA

08 Podem os seres humanos conhecer o futuro?

É verdadeiramente possível conhecer o futuro ou determinar para onde nos conduz a História?

REFLEXÃO

11 Por favor, ore por mim!

Um perfeito desconhecido implorou-me para que intercedesse em seu favor por perdão.

ARTIGO DE FUNDO

12 Investigando o Juízo investigativo

Nenhum outro aspeto do Adventismo do Sétimo Dia tem sido submetido a mais análise, deturpação e crítica do que a crença no Juízo pré-Advento.

18 Notícias Internacionais

20 Notícias Nacionais

CIÊNCIA E RELIGIÃO

24 Muitas "Terras", mas nenhuma vida

Em 1976, os próprios cientistas da NASA, ao estudarem as fotografias feitas pela sonda *Viking I* da superfície de Marte, não podiam

crer nos seus olhos – na fotografia podia distinguir-se claramente um rosto.

EVANGELISMO

30 Ir a todo o mundo

Este artigo é um relato sobre como fazer-se algo intencional, focado e dirigido diretamente para se partilhar a história maravilhosa do grande amor de Deus e para se apressar o regresso de Jesus.

DECLARAÇÃO DO CNE

34 Educação Adventista: Uma estratégia divina

O plano educativo traçado por Deus para a Sua Igreja e para o Seu povo é hoje uma realidade e uma bênção, a ponto de se considerar a educação como sendo um dos braços da Obra do Senhor.

Diretor António Rodrigues **Chefe de Redação** Paulo Sérgio Macedo **Coordenador Editorial** Paulo Lima **Colaboradores de Redação** Manuel Ferro e Lara Varandas **Projeto Gráfico e Diagramação** Sara Calado **Fotos Ilustrativas** © Shutterstock **E-mail** revista.adventista@pservir.pt **Proprietária e Editora** Publicadora SerVir, S. A. **Diretor** Carlos Simões Mateus **Sede e Administração** Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01 **Controlo de Assinantes** Paulo Santos E-mail assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19 **Impressão e Acabamento** Jorge Fernandes, Lda. – Charneca da Caparica **Tiragem** 1500 exemplares **Depósito Legal** Nº 1834/83

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.



O Juízo Investigativo

“**P**orque todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal” (II Coríntios 5:10). Entre os artigos que fazem parte da *Revista Adventista* deste mês, destaco o artigo sobre o Juízo Investigativo. Esta é uma doutrina que, apesar de ser desprezada e negada por inúmeras denominações cristãs, identifica especialmente a Igreja Adventista do Sétimo Dia. A irmã Ellen White, no livro *Cristo em Seu Santuário*, p. 98, afirma que “tanto a profecia de Daniel 8:14 – ‘Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado’ – como a mensagem do primeiro anjo – ‘Temei a Deus e dai-lhe glória; porque vinda é a hora do seu juízo’ – indicavam o ministério de Cristo no Lugar Santíssimo, o Juízo Investigativo, e não a vinda de Cristo para resgatar o Seu povo e destruir os ímpios”.

A doutrina do Juízo Investigativo não se relaciona apenas com o povo Adventista, mas é de vital importância para toda a Humanidade pecadora: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3:23). Quando nos batizamos por imersão e declaramos que aceitamos Jesus Cristo como nosso Salvador pessoal, os nossos nomes são inscritos no Livro da Vida do Cordeiro e irão permanecer aí, pelo menos, até ao fim do Juízo Investigativo. Pois, como nos diz o Comentário Bíblico Adventista, “então se fará chamada do nome de cada indivíduo e será examinado o seu registo. Se não houve arrependimento sincero, o nome será apagado do Livro da Vida” (SDABC, vol. 7, p. 987).

A grande verdade para o nosso tempo é que, enquanto Jesus estiver no Lugar Santíssimo, o Juízo Investigativo prossegue no Céu. O inimigo de Deus não quer que o Homem venha a ter conhecimento desta verdade. Como fez no Jardim do Éden, em que mentiu, afirmando perante Eva que, se comessem do fruto proibido, os seus olhos se abririam e eles seriam como Deus, co-

nhecendo o bem e o mal, também agora o inimigo fará tudo para levar os pecadores a não terem consciência de que os seus atos e as suas palavras estão a passar, ou em breve passarão, perante Deus, e que, muito em breve, esse Juízo irá findar, dando lugar à Segunda Vinda de Jesus. A consequência deste Juízo será a vida eterna para os justos e a morte eterna para todos aqueles que não confessaram nem deixaram os seus pecados. “Os que estiverem vivendo sobre a Terra quando a intercessão de Cristo cessar no santuário celestial, deverão, sem mediador, estar em pé na presença do Deus santo. Suas vestes devem estar imaculadas, o caráter liberto de pecado, pelo sangue da aspersão. Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente, devem eles ser vencedores na batalha contra o mal.” Ellen G. White, *Cristo em Seu Santuário*, p. 99.

Quando compreendemos o Juízo Investigativo no quadro do grande Dia da Expição, o *Yom Kippur*, descobrimos que somente aqueles que tinham vindo, arrependidos, perante Deus, confessando os seus pecados e transferindo-os para o santuário por meio do sangue da oferta pelo pecado, é que tinham parte na cerimónia do Dia da Expição. Do mesmo modo, no grande Dia da Expição final, os únicos casos a serem considerados são os casos do povo professo de Deus.

Assim, o povo de Deus deve afastar-se do pecado hoje. Deve haver uma obra especial e importante realizada pelos crentes que confessam os seus pecados e os deixam, para que esses pecados sejam removidos dos registos pelo sangue de Cristo Jesus. “É tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho?” (I Ped. 4:17). Ao encerrar-se a obra do Juízo Investigativo, o destino de todos os seres humanos terá sido decidido, para a vida ou para a morte. O tempo da graça terminará pouco antes do aparecimento do Senhor nas nuvens do céu. Assim, preparemo-nos hoje para enfrentarmos o Juízo, confiantes nos méritos do nosso Salvador, pois só assim obteremos a Salvação. ☞

· Pr. António Rodrigues, presidente da UPASD

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

agosto

03	Programa de Promotores de Saúde (Início)
07	ACNAC de Companheiros (Término)
10-20	ACNAC de Desbravadores
16	Dia de Sensibilização contra o Abuso e a Violência
21-31	Impacto 2014
21-31	Acampamento Nacional de Famílias
31	Programa de Promotores de Saúde (Término)

setembro

01-07	Projeto <i>Abraçar o Mundo</i>
10-13	Congresso Internacional de Universitários
20	Dia do Desbravador
22-25	Curso de Iniciação à Colportagem
26-28	I Encontro das Tecnologias de Comunicação
27	13º Sábado

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

agosto

04-08	Associação do Banat (RU)
11-15	Associação Alemã Central-Berlim (NGU)
18-22	Casa Publicadora Vie et Santé (EUD)
25-29	Casa Publicadora Saatkorn (EUD)

setembro

01-05	União Portuguesa (PU)
08-12	Associação da Boémia (CSU)
15-19	Associação do Reno Central (SGU)
22-26	Instituto Teológico de Cernica (RU)
29/09-03/10	Seminário Teológico de Sofia (BU)

ANTENA 1 RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30
ANTENA 1, a partir das 22h47

- 11/08 (segunda-feira)
- 01/09 (segunda-feira)
- 22/09 (segunda-feira)

CAMINHOS

RTP2, às 11h
ANTENA 1, a partir das 06h

- 24/08 (domingo)

FUNDADORES DA MENSAGEM

de Everett Dick

A história da Igreja Adventista do Sétimo Dia já dura há 170 anos (se começarmos a contar desde 1844). Durante estes 170 anos, foram escritas belas páginas de História. Desde o sacrifício e o empenho dos nossos pioneiros até às proezas dos missionários que estão, ainda hoje, a penetrar em novos territórios, muito tem sido feito e alcançado em prol da difusão da mensagem Adventista. A vida e a obra dos pioneiros é especialmente inspiradora. Esses homens e essas mulheres foram exemplos vivos do que significa ser um servo ou uma serva de Deus. Pondo sempre os interesses do Reino à frente dos seus interesses particulares, os pioneiros entregaram-se de coração à tarefa de levar o Evangelho Eterno e a Verdade Presente a todo o mundo.



Se nós, hoje, nos contamos entre o povo de Deus, é porque fomos antecédidos pelos nossos “antepassados espirituais”. Ora, é precisamente sobre alguns dos mais destacados pioneiros Adventistas que trata o livro que lhe queremos propor este mês. O historiador Adventista Everett Dick escreveu um pequeno livro que nos apresenta os pioneiros mais proeminentes da história do Adventismo. Dick esboça uma biografia de cada um deles, dando destaque às suas histórias pessoais dentro da história denominacional. Ele começa a sua resenha biográfica com William Miller, pai do movimento Adventista na América. Depois aborda a vida de Joshua Himes, o braço direito de Miller e o grande agente de publicidade do movimento millerita. Dick expõe, em seguida, a vida aventureira de Joseph Bates, o pioneiro do Sábado entre os Adventistas do Sétimo Dia. Segue-se uma pequena biografia de James White, o pai da obra das Publicações e o mentor da organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Depois é-nos apresentada Ellen White, a mensageira de Deus e a manifestação moderna do Espírito de Profecia. Dick adiciona ainda ao seu livro a história de John Loughborough, o primeiro historiador Adventista e destacado pastor e administrador da Igreja, e a história de John N. Andrews, o primeiro teólogo Adventista e o primeiro missionário oficialmente enviado pela nossa Igreja. Outros pioneiros poderiam ser adicionados a este rol, mas os que Dick reuniu são, sem dúvida, merecedores de serem destacados. Assim, se o prezado Leitor deseja conhecer mais sobre os fundamentos vivos da nossa Igreja e se está em busca de inspiração para prosseguir na sua caminhada para o Céu, esta obra de 144 páginas sobre os nossos pioneiros poderá ajudá-lo. Ela vale bem o tempo empregue na sua leitura. ✍

Paulo Lima, Redator da Revista Adventista

O Dilúvio foi um fenômeno global?

A interpretação tradicional de Gênesis 6-9 sustenta que o Dilúvio descrito em Gênesis teve uma extensão global, mas recentemente têm sido sugeridas várias teorias sobre Dilúvios limitados, que reduzem o alcance do Dilúvio a uma localização geográfica particular na Mesopotâmia, no Mar Negro ou noutros locais. As teorias de um Dilúvio limitado assentam primariamente em argumentos científicos que apresentam problemas geológicos aparentemente difíceis para a tese da existência de um Dilúvio global. Estes argumentos geralmente assumem a existência de uniformidade na história da geologia da Terra. O uniformitarianismo é o conceito que defende que os processos geológicos ocorrem pela ação de leis naturais que se mantêm uniformes e segundo modos que podem ser observados presentemente. No entanto, numerosos estudos científicos recentes aportam um número crescente de provas em favor do catastrofismo diluviano (mudanças catastróficas provocadas pelo Dilúvio) e não do uniformitarianismo.¹

Evidência em favor de um Dilúvio global

Apenas a compreensão tradicional de Gênesis 6-9 como descrição de um Dilúvio global faz plenamente justiça a todos os dados bíblicos. Muitas linhas de provas bíblicas convergem para tornar pos-

“E AS ÁGUAS PREVALECERAM EXCESSIVAMENTE SOBRE A TERRA; E TODOS OS ALTOS MONTES QUE HAVIA DEBAIXO DE TODO O CÉU FORAM COBERTOS. QUINZE CÔVADOS ACIMA PREVALECERAM AS ÁGUAS; E OS MONTES FORAM COBERTOS” (GÊNESIS 7:19 E 20).

sível afirmar-se a extensão global do Dilúvio: (1) Todos os principais temas em Gênesis 1-11 (A Criação, a Queda, o Plano da Redenção, a disseminação do pecado) têm um alcance universal e implicam um correspondente juízo universal, que tomou a forma de um Dilúvio; (2) As linhagens genealógicas tanto de Adão (Gén. 4:17-26; 5:1-31) como de Noé (Gén. 10:1-32; 11:1-9) são de natureza exclusiva, indicando que tal como Adão foi o pai de toda a Humanidade que existiu antes do Dilúvio, também Noé foi o pai de toda a Humanidade que existiu posteriormente ao Dilúvio, o que implica que todos os seres humanos do Planeta que ficaram fora da Arca pereceram no Dilúvio; (3) A mesma bênção divina inclusiva – “Sede fecundos e multiplicai-vos” – é dada tanto a Adão como a Noé (Gén. 1:28; 9:1), indicando que Noé é o “novo Adão”, repovoando o mundo como fez o primeiro Adão; (4) A aliança de Deus e o seu sinal no arco-íris (Gén. 9:9-18) estão ligados à extensão do Dilúvio; se tivesse ocorrido apenas um Dilúvio local, então a aliança seria apenas uma aliança limitada; (5) A viabilidade

da promessa de Deus (Gén. 9:15; cf. Isa. 54:9) depende da extensão mundial do Dilúvio; se tivesse ocorrido apenas um Dilúvio local, então Deus tem quebrado a Sua promessa sempre que um outro Dilúvio local ocorre; (6) A universalidade do Dilúvio é sublinhada pelo enorme tamanho da Arca (Gén. 6:14 e 15) e pela necessidade mencionada de se salvar todas as espécies de animais e de plantas na Arca (Gén. 6:16-21; 7:2 e 3); uma enorme Arca cheia com os representantes da Humanidade e de todas as espécies de plantas e de animais não aquáticos seria desnecessária, se se tratasse apenas de um Dilúvio local; Noé, a sua família e os animais poderiam simplesmente ter escapado para uma outra região da Terra; (7) O cobrimento de “todos os altos montes” da Terra pré-diluviana (que não eram tão altos como as atuais cordilheiras pós-diluvianas) por, pelo menos, quinze côvados (Gén. 7:19 e 20) não poderia resultar simplesmente de um Dilúvio local, dado que a água tende a manter o mesmo nível por toda a superfície do Globo; (8) A longa duração do Dilúvio (Noé permaneceu na Arca durante um



ano – Gén. 7:11-8:14) só faz sentido no caso de um Dilúvio global; (9) As passagens do Novo Testamento acerca do Dilúvio empregam uma linguagem universal (e. g., “e os levou a todos” [Mat. 24:39]; “e os consumiu a todos” [Luc. 17:27]; “e não perdoou ao mundo antigo ... ao trazer o dilúvio sobre o mundo dos ímpios” [II Ped. 2:5]; Noé “condenou o mundo” [Heb. 11:7]; e (10) A tipologia do Dilúvio no Novo Testamento assume e depende da extensão global do Dilúvio para defender teologicamente a existência de um eminente juízo global pelo fogo (II Ped. 3:6 e 7).

A terminologia do Dilúvio

Entre as mais importantes evidências bíblicas em favor de um Dilúvio global estão os numerosos termos ou expressões universais presentes em Génesis 6-9, indicando o alcance global do Dilúvio:² (1) A palavra hebraica *mabbul* (“Dilúvio”), que ocorre doze vezes em Génesis (Gén. 6:17; 7:6 e 7, 10, 17; 9:11, 15, 28; 10:1, 32; 11:10) e uma vez no Salmo 29:10, é reservada no Antigo Testamento exclusivamente para se referir ao Dilúvio de Génesis, colocando assim o Dilúvio de Génesis numa categoria à parte de todos os dilúvios ou cheias locais e dando-lhe um contexto global;

(2) “A Terra” (Gén. 6:12 e 13, 17), designada sem qualquer restrição, remete para a mesma expressão no relato da criação global (Gén. 1:1 e 2, 10); (3) Na frase “a face de toda a Terra” (Gén. 7:3; 8:9) ecoa a mesma expressão que surge no contexto global da Criação (Gén. 1:29); (4) A expressão “face da Terra” (Gén. 7:4, 22, 23; 8:8) remete para o uso da mesma expressão no contexto da criação global (Gén. 2:6); (5) A expressão “toda a carne” (13 vezes em Gén. 6-9) é acompanhada por frases adicionais que relembram a criação global dos animais e do Homem (Gén. 1:24, 30; 2:7); por exemplo, as frases “em que há espírito de vida” (Gén. 6:17; 7:15) e “tudo o que tinha fôlego de espírito de vida em seus narizes” (Gén. 7:21 e 22); (6) A expressão “tudo o que vive” de toda a carne (Gén. 6:19; 9:16) e a expressão similar “toda a substância que fiz” (Gén. 7:4) remetem para o relato da Criação; (7) A expressão “toda a existência” [*kol hayqum*] (Gén. 7:4, 23) é um dos termos mais inclusivos disponíveis para uso por parte do escritor hebreu para exprimir a totalidade dos seres vivos; (8) A expressão “tudo o que havia no seco” (Gén. 7:22) indica a extensão global do Dilúvio, mas clarifica que esta destruição à escala mundial é limitada às cria-

turas terrestres; (9) A expressão “debaixo de todo o céu” (Gén. 7:19) tem sempre um sentido universal noutras passagens das Escrituras (veja Êxo. 17:14; Deut. 4:19), em contraste com a palavra “céu” isolada, que pode ter um significado localizado (e. g., I Reis 18:45); e (10) A expressão “todas as fontes do grande abismo [*tehom*]” (Gén. 7:11; 8:2) remete para a mesma expressão “abismo” ou oceano mundial (*tehom*) de Génesis 1:2.

As muitas ligações com a descrição da criação global de Génesis 1 e 2 mostram que o Dilúvio é uma “descrição” global, escatológica e realizada passo a passo, seguida de uma “recriação” global também realizada passo a passo. É difícil imaginar como o escritor bíblico podia ter usado expressões mais enfáticas do que as que usou para indicar a extensão global do Dilúvio descrito no livro de Génesis. ✨

• **Richard M. Davidson**
Teólogo

1. Veja-se em especial os resumos destas provas em Harold G. Coffin, Robert H. Brown e L. James Gibson, *Origin by Design*, rev. ed., Hagerstown, MD: Review and Herald, 2005; Henry Morris & John Whitcomb, *The Genesis Flood: The Biblical Record and Its Scientific Implications*, Philadelphia, PA: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1961; e Ariel Roth, *Origins: Linking Science and Scripture*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1998.
2. Veja Richard M. Davidson, “The Genesis Flood Narrative: Crucial Issues in the Current Debate”, *Andrews University Seminary Studies*, 42(1), 2004, pp. 49-77.

Podem os seres humanos conhecer o futuro?

Não seria bom conhecer o futuro? Quão melhor tudo seria, se o conhecêssemos! Muitas nações antigas desenvolveram sistemas complexos para predizer o futuro. E, do mesmo modo que as pessoas o desejavam no passado, as pessoas querem conhecer hoje o que trará o futuro. O “fim do mundo” é agora “uma preocupação de todas as pessoas que refletem”,¹ por causa de questões decisivas como a mudança do clima, o aumento da população mundial, as finanças globais em falência, a ameaça terrorista e a decadência moral. Em resultado disto, a descrição que a Bíblia faz do tempo do fim surge “tão atual como o jornal matutino e o telejornal”.² Mas, ainda assim, a questão pode intrigar-nos: É verdadeiramente possível conhecer o futuro ou determinar para onde nos conduz a História?

Deus e o amanhã

Felizmente existe um Deus, o Deus da Bíblia, que conhece o futuro, que descreve o fim desde o princípio (Isaías 46:9 e 10). Como afirmou Jesus: “Desde agora vo-lo digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis que eu sou” (João 13:19; cf. João 14:29). A Bíblia está repleta de afirmações semelhantes que se referem à presciência divina.

Mas, quão credíveis são estas pretensões bíblicas? A resposta é mais clara quando compreendemos que Deus e os seres humanos experimentam o tempo de modo muito diferente. Para Deus, o tempo é como uma linha que

se move para diante, do passado para o futuro, em direção ao seu alvo final. Nós, os seres humanos, vemos apenas o nosso ponto presente nesta linha. Não podemos ver o futuro.

Os antigos Gregos, entre outros povos antigos, pensavam no tempo como sendo um círculo recorrente, no qual a História se repetia. Neste conceito, o futuro não tem qualquer significado, exceto como recorrência do passado. Mas, se o tempo é uma linha ao longo da qual viajamos do presente para o futuro, o Deus da Bíblia é tão grandioso quanto a página em que essa linha está desenhada. Ele está fora da linha, sobre ela e con-

templa-a na sua totalidade. Desde a eternidade em que habita, Ele vê o ontem, o hoje e o amanhã melhor do que nós vemos o instante corrente, e experimenta os eventos futuros como se eles já estivessem a ocorrer.³ Conhecendo os acontecimentos futuros, Ele bondosamente partilha o Seu conhecimento conosco. É a isso que a Bíblia chama “profecia”.

Predições merecedoras de confiança?

Uma boa parte da Bíblia é constituída por profecia. Enquanto a maioria das passagens bíblicas se dirigem à situação imediata das pessoas, as secções proféticas, na maioria dos casos, vão para além da situação corrente e local, fornecendo intuições importantes sobre o futuro. Centenas de profecias bíblicas confirmam a inspiração da Bíblia. Ao contrário de livros como o *Corão*, os *Analectos* de Confúcio ou as alegadas profecias de *Nostradamus*, apenas a Bíblia apresenta a evidência de muitas profecias cumpridas que afirmam a sua origem divina, por vezes muito depois de o escritor profético ter



morrido. Por exemplo, o profeta Jeremias predisse a destruição de Jerusalém e do templo, e predisse também que o cativeiro babilônio dos Judeus duraria 70 anos, após o qual o rei persa os autorizaria a reconstruírem a cidade e o templo (II Crônicas 36:22 e 23; cf. Jeremias 29:10). Cerca de um século antes de Ciro aparecer na cena da História, Isaías predisse que ele seria esse rei persa (Isaías 44:28).

Em 603 a.C., Daniel predisse que haveria quatro impérios mundiais que apareceriam sucessivamente na cena mundial: Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia-Macedônia e Roma (Dan. 2 e 7), abarcando um período histórico de mais de 1000 anos. Daniel profetizou ainda que o Império Romano seria sucedido por nações divididas (Daniel 2:41-43) dominadas por um poder político-religioso opressivo que duraria desde o período medieval até ao estabelecimento do reino de Deus (Daniel 7:23-25).

Estas profecias foram, literal e finalmente, realizadas séculos mais tarde. Apesar dos esforços consistentes por parte de alguns para minar a confiança nestas profecias, as evidências esmagadoras da sua au-

tenticidade obtidas pelo seu preciso e final cumprimento continuam a encher de admiração muitos céticos ponderados.

Para além disto, a primeira vinda de Cristo cumpriu muitas profecias messiânicas. Séculos antes de Jesus, o Messias, ter nascido, os profetas tinham predito, por exemplo, que Ele procederia da tribo de Judá (Gênesis 49:19), nasceria em Belém (Miqueias 5:2), levaria sobre Si os pecados da Humanidade (Isaías 53:4, 11 e 12), iria morrer uma morte vicária (vv. 5, 12), ganharia a vitória suprema sobre Satanás através da Sua morte (Gênesis 3:15), ressuscitaria (Salmo 16:10) e seria exaltado, ocupando o trono divino (Salmo 110:1). Daniel também profetizou que o Messias viria 483 anos após a emissão do decreto persa que permitiu aos Judeus reconstruírem Jerusalém (Daniel 9:24-27), a qual se encontrava em ruínas. A Bíblia também contém profecias que ainda deverão cumprir-se. A certeza do seu cumprimento está garantida tanto pelo conhecimento que Deus tem do futuro, como pelas Suas predições já cumpridas no passa-

do. É por isso que podemos dizer que “temos muito firme a palavra dos profetas” (II Pedro 1:19).

Predições necessárias?

A Bíblia provê a melhor resposta a esta questão. Ali, encontramos duas analogias referentes à profecia bíblica. A profecia é identificada como sendo uma lamparina que brilha durante um período de escuridão até que alvoreça o dia (II Pedro 1:19). A lamparina da profecia mostra-nos onde estamos agora, bem como para onde vamos. Ela também nos diz para onde este mundo vai e como irá acabar. Até que Jesus, a “Estrela da Manhã”, surja (Apocalipse 22:16), precisaremos de orientação profética. Depois disso não mais necessitaremos desta palavra profética semelhante a uma lamparina (I Coríntios 13:8-10).

A profecia também é comparada com um espelho pelo qual podemos ver o futuro de modo turvo (I Coríntios 13:12), uma referência ao reflexo imperfeito proporcionado pelos espelhos de bronze polido do tempo de Paulo. Este aspeto turvo da profecia bíblica refere-se à linguagem peculiar, por vezes obscura, em que ela é

expressa. No Apocalipse, os eventos finais não são retratados em linguagem direta, mas por meio de símbolos. É a compreensão do significado destes símbolos que nos dá a chave para descerrar e descodificar a mensagem que eles contêm para nós.

Aquilo que realmente sabemos

As profecias do tempo do fim, particularmente aquelas registradas no Apocalipse, informam-nos acerca do que irá acontecer no mundo no tempo do fim. A Bíblia afirma que Deus “não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Amós 3:7). A profecia revela informação sobre o tempo do fim que é proveitosa para a nossa salvação e para a nossa entrada no reino de Deus. O seu propósito é dizer-nos, desde a perspectiva do Céu, por que razão e como os acontecimentos ocorrerão. Deus revelou na palavra profética todos os eventos futuros que são suficientemente importantes para serem conhecidos por nós. Por esta razão, devemos ter presentes duas coisas.

Primeira, a predição em si mesma não é o objetivo primário. O seu propósito mais profundo, por mais bizarro e assustador que seja a sua descrição, não é intimidar-nos, mas ajudar-nos a prepararmo-nos para o fim. As profecias são concebidas para nos tornar melhores Cristãos, para nos ajudar a levar a sério esta vida e para nos inspirar a alcançarmos as pessoas à nossa volta com a mensagem do Evangelho.

Segunda, as profecias do tempo do fim são totalmente diferentes de horóscopos e quiromancia. Elas não são dadas para satisfazer a nossa curiosidade obsessiva sobre o futuro. O seu propósito é, antes, assegurar-nos de que Deus tem o futuro nas Suas mãos. Ele sabe o que o futuro trará e Ele estará com o Seu

povo fiel “todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mateus 28:20).

“Quando estas coisas começarem a acontecer”, disse Jesus, “olhai para cima, e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima” (Lucas 21:28).

Aquilo que não nos é dito

Aqui a precaução é necessária. Embora a profecia nos diga o que ocorrerá no tempo do fim, há duas coisas relacionadas com os eventos finais que a profecia não revela.

Primeira, não é indicado com precisão o *quando*. Apenas Deus conhece o preciso fim do tempo (Mateus 24:36). Jesus enfatizou repetidamente que a data da Sua vinda não será revelada a qualquer pessoa na Terra.⁴ Ninguém recebeu a capacidade de “saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder” (Atos 1:6 e 7). Não nos é dado saber o tempo exato do fim da História.⁵ O cumprimento profético dos eventos finais indicará, de forma suficientemente clara, que o fim chegou e que Cristo “está às portas” (Mateus 24:33).

Segundo, a profecia também não apresenta um exato *como*. O modo do desenrolar dos eventos finais é um segredo que Deus reservou para Si mesmo. Mas nós conhecemos o suficiente para obedecermos (Deuteronomio 29:29). Proliferam os livros e as páginas de Internet procurando explicar como os eventos do tempo do fim ocorrerão. A maioria das suas ideias enganadoras é retirada, não da Bíblia, mas antes de artigos de jornais e de métodos alegóricos de interpretação.⁶ Saberemos exatamente *quando* e *como* os eventos finais ocorrerão na data do seu cumprimento (cf. João 14:29; 16:4).

Como reconhecer o fim

A Segunda Vinda de Cristo será o cumprimento por excelência da

profecia bíblica. Mas, embora este evento abra a porta para o fim do pecado e para o começo do reino eterno de Deus, pleno de alegria e justiça, devemos rejeitar especulações acerca da sua data e acerca dos eventos sequenciais que o precedem. Ao mesmo tempo, Jesus identificou sinais que mostram que Ele Se encontra às portas (Mateus 24:4-14), sinais que serão evidentes em todas as esferas: natural, política, social, moral e religiosa (veja Apocalipse 13-16).

A intensificação destes sinais nas atuais condições em deterioração nas esferas físicas, morais e religiosas, no contexto do espantoso avanço da proclamação mundial do Evangelho, é uma indicação clara da iminência da Segunda Vinda de Cristo.⁷

Enquanto esperamos por esse evento glorioso, conservemos um equilíbrio entre o futuro e o presente. Embora a profecia nos informe sobre o que o futuro trará, também nos relembra constantemente do facto de que estamos ainda aqui, e incentiva-nos a estarmos prontos e a vivermos numa espera ativa. Até que Jesus venha, devemos erguer a lamparina confiável da profecia e confiarmos na promessa de Jesus de que Ele estará sempre conosco (Mateus 28:20). Então quando Ele, a nossa Estrela da Manhã, aparecer, contemplá-lo-emos em toda a Sua glória (II Pedro 1:19). ♣

• Ranko Stefanovic
Professor de Teologia

1. Richard Rice, *The Reign of God*, 2nd ed., Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 2005, p. 320.

2. *Idem*, pp. 320 e 321.

3. C. S. Lewis, *Mere Christianity*, New York: Harper Collins, 1952, reimp. 2000, pp. 168-170.

4. Mateus 24:36-44, 50; 25:13; Lucas 12:40.

5. Veja I Tessalonicenses 5:2-4; II Pedro 3:3-7; Apocalipse 16:15.

6. Veja Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ*, 2nd ed., Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 2009, p. 1.

7. Ranko Stefanovic, “The Second Coming of Christ”, *Ministry*, dezembro 2005, p. 8.

Por favor, ore por mim!

Há muitos anos recebi uma carta peculiar. Petições e pedidos de oração não eram fora do comum para mim naquela época. De facto, eram bastante usuais. Eu trabalhava numa Editora religiosa e o meu trabalho implicava ler e responder ao sortido de cartas que chegavam todos os dias, vindas de todos os tipos de pessoas.

Mas nunca esqueci uma carta que continha um pedido pungente. Um perfeito desconhecido – um homem que eu nunca tinha visto na minha vida – implorou-me para que intercedesse em seu favor por perdão. Este homem tinha a esperança de que talvez Deus me ouvisse.

Eu não sabia que tipo de pessoa era este homem ou que tipo de vida ele levava, mas era evidente que ele precisava desesperadamente de um Salvador. Ele sabia que Deus estava ciente da vida que ele levava, mas acreditava que Deus não o ouviria ou que não lhe podia perdoar.

Ele ansiava por perdão e por uma oportunidade para se pôr de bem com Deus. Ele sabia que precisava de viver uma vida diferente, mas, embora tentasse, não conseguia mudar. A realidade da sua pecaminosidade atrofiava a sua fé e fazia-o sentir-se completamente alienado de Deus. Ele

não conhecia um lugar onde pudesse pedir ajuda, nem qualquer outro modo de alcançar a atenção de Deus senão através desta carta – a qual, acreditava ele, era a sua última esperança de salvação.

Eu lembro-me de como o meu coração doeu por causa deste homem, à medida que lia sobre os seus sentimentos de inutilidade e de desespero.

Ele não estava só. Milhares, senão milhões, vagueiam no mundo hoje carregando o fardo da condenação. O seu fardo retira-lhes a paz e obriga-os a viverem sob vergonha e medo constantes. Se, ao menos, eles soubessem a verdade. Se, ao menos, eles soubessem que o Filho de Deus morreu por eles e está pronto a interceder por eles diante do Pai. Eu podia apenas imaginar como seria diferente a vida deste homem, se ele pudesse apenas ouvir o Filho de Deus orar por ele.

Eu sinto-me pequena ao pensar que Jesus ora por mim; que Ele pede ao Seu Pai para que eu não fique aquém da Sua glória. Eu imagino Cristo perscrutando as páginas que cobrem os milénios da história humana. Eu imagino-O percorrendo os nomes escritos no Livro da Vida, apontando-os com o Seu dedo, fazendo planos para a eternidade. Ele chega, então, ao meu

nome, a Sua boca esboça um sorriso e Ele di-lo em voz alta.

Jesus diz que mesmo antes de eu ter sido formada no ventre da minha mãe, Ele conheceu-me e quis que eu fosse salva. “Naquele dia, pedireis em meu nome, e não vos digo que eu rogarei por vós ao Pai; pois o mesmo Pai vos ama; visto como vós me amastes, e crestes que saí de Deus” (João 16:26 e 27).

Pode imaginar Cristo orando por si? Se acha isso difícil de crer, dê uma olhadela a João 17. Aí encontrará a maravilhosa oração que Ele fez pelo Seu povo.

Apesar da Sua agonia no Getsémani, Cristo viu para além da tortura e da morte que O aguardavam no Calvário. Ele firmou os Seus pensamentos no destino da Humanidade e, com uma profunda e intensa emoção, implorou ao Pai pela nossa salvação. Essa oração está preenchida com a mais pura forma de amor alguma vez conhecida.

Não temos que hesitar em vir a Cristo, pois Ele nunca nos rejeitará. Ele intercede por nós tal como somos. Enquanto pudermos ouvi-l'O implorar por nós, não precisaremos de temer, pois Cristo nunca nos lançará fora da Sua presença. ♣

• **Olga Valdivia**
Escritora freelancer

Investigar o Juízo investigativo

Nenhum outro aspeto do Adventismo do Sétimo Dia tem sido submetido a mais análise, deturpação e crítica do que a crença no juízo pré-Advento. Enquanto outras doutrinas Adventistas, tais como as doutrinas do Sábado e da imortalidade condicional, são aceites por alguns Cristãos, o Juízo investigativo pré-Advento, “sendo unicamente nosso, tornou-nos, enquanto Igreja, mais suscetíveis de sermos sujeitos a opróbrio, ridículo e troça da parte de outros Cristãos do que qualquer outra doutrina que defendemos”.¹

Vários teólogos evangélicos, como Donald Barnhouse,² Walter Martin,³ Anthony A. Hoekema,⁴ e, mais recentemente, David Neff,⁵ publicaram artigos ou livros atacando a nossa crença de que, antes da Segunda Vinda, Deus empreen-

de um Juízo que abrange aqueles que professaram servir Cristo, cujos nomes estão escritos no Céu (Daniel 12:1; Lucas 10:20; Apocalipse 3:5). Embora cada escritor tenha abordado a questão a partir de perspetivas diferentes, todos

eles concluem que o Juízo investigativo anula ou, pelo menos, frustra o Evangelho. A doutrina do Juízo investigativo, pretendem eles, ensina subtilmente o conceito de salvação pela fé e pelas obras e, assim, rouba ao crente a sua segurança em Cristo.

Se estas acusações estiverem corretas, os nossos críticos têm razão em rejeitar o Juízo investigativo. Neste caso, também os Adventistas o deveriam rejeitar.

No entanto, está o Juízo investigativo verdadeiramente em oposição ao Evangelho? Devem aqueles que aderem a essa crença perder a segurança da salvação? E finalmente, se os Cristãos são salvos pela fé, qual é afinal o propósito do Juízo?



Fé e obras

Na sua essência, a questão do Juízo investigativo tem a ver com a velha tensão entre a fé e as obras. Paulo escreveu: “Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei” (Romanos 3:28). No entanto, João viu que, no tempo do fim, os santos são aqueles que “guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Apocalipse 14:12).

É claro que estas afirmações não se contradizem mutuamente. Em vez disso, depreendemos que se trata de uma questão de equilíbrio, e o local onde se revela esse equilíbrio é o serviço do santuário terrestre, que é o coração da doutrina Adventista do Juízo pré-Advento.

A Bíblia diz-nos: “Porque, também, a nós foram pregadas as boas-novas, como a eles, mas a palavra da pregação de nada lhes aproveitou, porquanto não estava misturada com a fé naqueles que a ouviram” (Hebreus 4:2). O Evangelho foi pregado ao antigo Israel através do serviço do santuário, uma representação pictórica de todo o Plano da Salvação. O santuário, em sombras, revelou a expiação, a mediação, a confissão, a purificação, a Lei, o Juízo, a justificação, tudo!

A primeira lição ensinada era o sacrifício do animal, símbolo da morte de Cristo. Todo o serviço do santuário – portanto, todo o Plano da Salvação – assentava sobre o sacrifício substitutivo de Jesus (I Pedro 1:19; Apocalipse 13:8; Isaías 53).

Imagine uma escola que atribuisse apenas duas notas: passagem ou chumbo. Para passar, o aluno deveria ter uma média de 100%. Apenas 95% garantia a mesma nota do que 20%, isto é, o chumbo. O aluno deveria ter uma pontuação perfeita em todos os

exames; caso contrário, chumbaria. Se ele comete um erro, se responde erradamente a apenas uma questão, ele falha. Se num teste ele obtém 95%, mas em dez outros obtém 100%, ele chumba, porque a sua nota final ainda estaria abaixo da média de 100%, o que é suficiente para o colocar no lote dos chumbados, a par com os que tiveram uma média de 30%. Tenha ele 99,7% ou 30%, ele chumba.

O mesmo se passa com a Redenção. Todos pecaram, pelo que ninguém jamais alcançou a nota perfeita de 100% que é necessária para se alcançar a Salvação (Romanos 3:23). Mesmo se nos tornássemos perfeitos, não voltando mais a pecar, nós não poderíamos atingir a retidão necessária para a Salvação por causa dos nossos pecados passados. Não importa o quão afinadamente tentássemos, o quão santificados nos tornássemos, a menos que tenhamos uma nota de 100% que nos seja creditada, vinda de fora de nós, estamos perdidos.

Jesus, por causa da Sua vida impecável e perfeita e por causa da Sua morte em nosso favor, oferece-nos a sua nota de 100% que permite passar (Romanos 5:17-19). Ele oferece-nos livremente a Sua justiça – que Ele alcançou por nós, independentemente de nós – no lugar das nossas notas negativas. Não importa quem nós somos, ou o que fizemos; por causa do que Jesus realizou por nós na cruz, podemos ser aceites pelo Pai tal como Ele foi, porque Deus irá livremente creditar-nos, indignos como somos, a nota de 100% obtida por Cristo (Romanos 5:8).

Esta expiação vicária foi poderosamente simbolizada pelos sacrifícios animais (que incluem sempre o ministério no Lugar Santo) realizados no serviço do santuário terrestre.

O Lugar Santíssimo

Infelizmente, muitos Cristãos limitam a sua conceção do Evangelho aos sacrifícios e ao Lugar Santo. No entanto, não é aí que o serviço do santuário termina. O que dizer do ministério do Lugar Santíssimo, quando o próprio santuário é purificado do pecado? Não tem o Lugar Santíssimo, em que ocorria o Dia das Expições, o grande dia do Juízo, algumas lições a ensinar aos Cristãos de hoje?

Claro que sim. Tal como o altar das ofertas queimadas e o Lugar Santo simbolizavam a morte e a mediação de Cristo em nosso favor, o Lugar Santíssimo simboliza também a obra de Cristo a nosso favor no Juízo. Apenas rejeitando o ensino apresentado pelo santuário na sua globalidade é que se pode evitar aceitar as lições do Lugar Santíssimo.

No entanto, é no Lugar Santíssimo que os Adventistas se metem em sarilhos, porque é aí que nós cremos que é ensinado o Juízo pré-Advento, a doutrina que, supostamente, anula o Evangelho. Mas, quando apresentado em equilíbrio com o que precede o ministério do Lugar Santíssimo, isto é, a morte do animal sacrificado, o Juízo investigativo não só não anula as Boas-Novas, como as faz sobressair.

Como? Quando o nosso nome surge no Juízo (veja Romanos 14:10; Daniel 12:1, Apocalipse 21:27; Mateus 10:32 e 33; Lucas 12:8 e 9), a perfeita justiça de Cristo cobre-nos! Este é o propósito mais importante da Sua morte. De que nos serviria a justificação legal se, no Juízo, quando mais dela necessitamos, ela já não estivesse disponível?

Cada manhã e cada tarde, o sacerdote oferecia um sacrifício especial, um holocausto que simbolizava a disponibilidade contínua da justiça de Cristo. Sendo chamado

o “contínuo” (o *tamid*, em Hebreu) ou “a oferta queimada contínua” (Êxodo 29:42), este sacrifício assegurava os Israelitas penitentes da acessibilidade constante do perdão. Se o Israelita estava doente, longe de Jerusalém, ou por alguma razão não podia deslocar-se ao santuário, ele podia alcançar pela fé a promessa simbolizada por estes sacrifícios, que ardiam sobre o altar todos os dias, mesmo no Dia das Expições.

Este ponto é crucial. Durante a cerimônia solene do *Yom Kippur* (o Dia das Expições), este sacrifício matinal e vespertino ardia no altar (Números 29:7-11). Expressos tipologicamente, os méritos de Cristo – simbolizados pelo animal imolado – cobriam o pecador durante todo o típico Dia das Expições; no antítipo, os méritos de Cristo cobrem os Seus seguidores durante todo o verdadeiro Dia das Expições, o dia do Juízo, que está agora em curso. Assim, em vez de anular as boas-novas, o Juízo investigativo – quando equilibrado com a cruz – eleva o Evangelho ao seu apogeu!

O Judas que existe em todos nós

Os Cristãos – todos aqueles que professam servir Cristo – têm verdadeiramente de enfrentar um Juízo avaliador das suas obras (II Coríntios 5:9 e 10; Romanos 14:10, 12). No entanto, estas obras não são aquilo que faz com que Deus decida aceitá-los ou rejeitá-los; Em vez disso, as obras provam se, verdadeiramente, nós O aceitamos ou não. Quando um nome aparece no Juízo pré-Advento, Deus apenas finaliza a escolha que essa pessoa já fez.

Considere o caso de Judas. “Entrou, porém, Satanás em Judas, que tinha por sobrenome Iscariotes, o qual era do número dos doze. E foi, e falou com os principais dos sacerdotes e com os capitães, de como lho entregaria” (Lucas 22:3 e 4).

Quem abandonou quem? Foi Jesus que abandonou Judas? Não, Judas abandonou Jesus, e a sua ruína é um exemplo dramático daquilo que faz com que os nomes sejam rejeitados durante o Juízo investigativo (Apocalipse 3:5; Mateus 10:32 e 33; Lucas 12:8 e 9).

“Entrou, porém, Satanás em Judas, que tinha por sobrenome Iscariotes, o qual era do número dos doze” (Lucas 22:3). Porquê Judas? Afinal, ele tinha uma experiência com Jesus. Ele tinha sido tocado pelos milagres do Salvador. Ele viu os coxos, os cegos, os doentes serem trazidos aos pés de Cristo e curados por uma palavra ou por um toque. Ele viu-O ressuscitar os mortos, expulsar demónios e multiplicar os pães. “Ele reconheceu os ensinamentos de Cristo como sendo superiores a tudo o que ele tinha ouvido antes”, escreveu Ellen White. “Ele amava o Grande Mestre, e desejava ser como Ele. Ele sentiu um desejo de ser transformado no caráter e na vida, e esperava experimentar esta transformação através do seu relacionamento com Jesus.”⁶

Então, o que aconteceu?

“Ele tinha alentado o espírito de avareza até que este se tornou no motivo que regia a sua vida. *O seu amor por Mamom superou o seu amor por Cristo.* Ao se tornar escravo de um vício, ele deu-se a si mesmo a Satanás, para ser conduzido por ele em toda a amplitude do pecado.”⁷

Judas persistiu apenas num pecado, e este trouxe-lhe a ruína, não porque Jesus não o pudesse perdoar, mas porque Judas não aceitou esse perdão. Recusando-se a arrepender-se, ele escolheu aquele pecado em lugar de Jesus; um exemplo do que acontece a todos os que, embora inscritos no Livro da Vida, são eventualmente riscados dele (Apocalipse 3:5).

Satanás conhece o Evangelho. Ele conhece que “não há conde-

nação para os que estão em Cristo Jesus” (Romanos 8:1). Ele sabe que “o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo” (Gálatas 2:16). Satanás também compreende que nada do que ele faça pode anular, reverter ou eliminar o amor de Deus por nós, e que “nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 8:39). É porque Satanás compreende todas estas coisas que ele também sabe que Jesus nunca nos abandonará. Assim, em vez disso, ele tenta levar-nos a esquecer Jesus, e a única maneira de ele fazer isso é levar-nos ao pecado e, depois, manter-nos nele, porque acabaremos por escolher esse pecado em vez de escolhermos Jesus, tal como Judas fez.

Por esta razão, a batalha contra o pecado é central no combate da fé (Gálatas 5:21). Nós devemos resolutamente fazer guerra ao pecado, ou ele acabará por destruir o nosso compromisso com Cristo. O pecado é mortal, não porque não possa ser perdoado. Ele pode ser perdoado. Deus anseia por perdoar os nossos pecados. A cruz prova isso mesmo. O pecado é mortal porque, embora ele não afaste Deus de nós, ele acabará por nos afastar de Deus.

No entanto, ligados a Cristo, os Cristãos têm a vitória: “Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas, fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis, antes, com a tentação, dará também o escape, para que a possais suportar” (I Coríntios 10:13).

Até à Segunda Vinda de Cristo, nós teremos sempre uma natureza pecaminosa. Teremos sempre que nos debater com os clamores da nossa carne decaída. Estaremos sempre conscientes do mal que habita em nós. Mas não temos que ceder perante a atração do pecado!

Ceder, para um Cristão convertido, é uma escolha consciente. Como poderia ser diferente? Se Deus promete o poder necessário para não pecarmos, e no entanto nós fazêmo-lo, é apenas porque decidimos não utilizar esse poder. Escolhemos, em vez disso, realizar o ato pecaminoso. Esta decisão de escolhermos os nossos desejos pecaminosos em vez de escolhermos Cristo é, basicamente, o que Judas fez.

Nós pecamos apenas porque escolhemos não reclamar a vitória em Cristo (I João 2:9; Judas 24; Romanos 6:1 e 2). O Senhor pode perdoar, e, efetivamente, perdoa, os pecados quando os confessamos. Mas se pecamos deliberadamente e continuamos a pecar, mais tarde ou mais cedo, como Judas, ficamos tão endurecidos que iremos tomar a mesma decisão de rejeitar Jesus, quer tenhamos disso consciência ou não.

De facto, um Cristão não tem que se enforcar numa árvore, cair porque se quebrou a corda e, depois, ser comido pelos cães para ter o seu nome riscado do Livro da Vida. Em vez disso, ele pode ir

à igreja, dar o dízimo, orar, até realizar algumas boas obras e, ainda assim, ser riscado do Livro da Vida.

O Juízo investigativo não é quando Deus finalmente decide aceitar-nos ou rejeitar-nos. Todos os que estão inscritos no Céu já foram aceites por Deus (Efésios 1:6). Em vez disso, o Juízo apenas finaliza a nossa escolha de permanecermos ao lado de Deus ou de O rejeitarmos. É aqui que as nossas decisões, tal como foram manifestadas pelas nossas obras, são seladas num ou noutro sentido.

As obras não nos salvam, não nos podem salvar, nem são destinadas a salvar-nos (Gálatas 2:21). Mas isso não significa que elas nada tenham a ver com a Salvação (Romanos 2:13). Pelo contrário, elas são a prova, a evidência, a indicação de que nascemos de novo. “Mostra-me a tua fé sem as tuas obras”, escreveu Tiago, “e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras” (Tiago 2:18).

A Redenção é um negócio integral. Se pretendemos o perdão, devemos pretender também a vitória, e essas vitórias testificam no

dia do Juízo de que fomos verdadeiramente redimidos. Se estamos convertidos, as nossas obras irão prová-lo, pelo que nada temos a temer no Juízo.

A certeza da Salvação

No entanto, algumas pessoas insistem que o Juízo pré-Advento lhes retira a certeza da Salvação. Quanta certeza querem elas ter? Se, por segurança absoluta, elas querem dizer um estado em que não se possam perder, não importa o que façam, logo que tenham aceite Jesus, não estão elas a subscrever a doutrina “uma vez salvo, salvo para sempre”? No entanto, quando os Cristãos renderem diariamente a sua vida a Jesus – reclamando as Suas promessas de vitória quando tentados, reclamando as Suas promessas de perdão quando caírem, e sempre confiando nos méritos de Cristo que lhes são imputados como a sua única esperança de Salvação – eles obterão toda a certeza de que necessitam.

“Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Romanos 8:1).





Este veredicto é apenas para aqueles que “estão em Cristo Jesus”. Quem são eles? O texto diz: “os que *estão* em Cristo Jesus.” Andar no Espírito não é o que nos redime; é a prova de que estamos redimidos.

Alguns perguntam: Como saberei que tenho obras suficientes para ser salvo? Tu não tens, nunca tiveste e nunca terás, razão pela qual nós precisamos de que Jesus nos cubra com a Sua justiça quando os nossos nomes surgirem no Juízo. Tudo o que podemos fazer é apoiarmo-nos n'Ele, requerer que os Seus méritos sejam aplicados em nosso favor e confiar em Deus como sendo um Pai justo e compassivo, que nos julgará de acordo com a Sua infinita sabedoria e misericórdia.

Consequências cósmicas

Talvez o aspeto mais importante do Juízo investigativo, que é frequentemente ignorado pelos críticos, seja o seu propósito. Os nossos antagonistas descrevem esta dou-

trina como transmitindo a imagem de Deus a escrutinar os livros celestiais de modo a decidir quem será salvo e quem se perderá. “O Senhor conhece os seus” (II Timóteo 2:19). Um Deus onisciente não necessita do Juízo investigativo; no entanto, os seres inteligentes do Universo que observam a situação na Terra precisam dele.

O pecado não é apenas um problema da Terra. A rebelião começou noutra parte da Criação, com a queda de Satanás (veja Isaiás 14:12; Ezequiel 28:11-16; Apocalipse 12:7-9). Os princípios envolvidos no conflito entre Cristo e Satanás, embora focados na salvação do Homem, vão para além da salvação da Humanidade (veja Efésios 3:10). O livro de Job é um microcosmos deste grande conflito. A primeira cena no Céu começa com conflito e tensão, descrevendo uma disputa entre Deus e Satanás, uma disputa que é observada pelos anjos (Job 1:6; 2:1), embora o conflito decorra, em última análise, na Terra.⁸

Deus podia ter destruído Satanás no próprio momento em que ele se revoltou. Em vez disso, pagando Ele mesmo um elevado preço, Deus está a lidar com o pecado e com a rebelião de um modo justo e transparente, que responderá para sempre às acusações que foram lançadas contra Ele. O Juízo investigativo é um dos modos que Ele escolheu para ajudar a responder a estas acusações.

Até mesmo um olhar superficial lançado ao serviço do santuário terrestre nos ensina que o Plano da Salvação não terminou com o sacrifício; ele começou aí, sendo o sacrifício o fundamento sobre o qual todos os outros ritos assentam. O fim não veio até que se desse a eliminação final do pecado no Dia das Expiações, quando todos os pecados acumulados no acampamento eram colocados sobre a cabeça do bode vivo, o qual era então enviado para o deserto (veja Levítico 16).

O mesmo é verdade no que toca ao ministério terrestre e celeste de

Cristo, que era tipificado pelo santuário israelita na sua totalidade (veja Hebreus 7-10). Embora Cristo tenha gritado “Está consumado!” no Calvário, a Bíblia descreve-O como estando a ministrar no santuário celeste (Hebreus 7:25; 8:1; 12:24-26). Por que razão, após cerca de 2000 anos depois do Calvário, nós estamos ainda aqui, presos num poço de pecado, sofrimento e morte? Cristo deve estar a fazer algo no Céu que Ele não fez no Calvário; não em termos de assegurar a nossa salvação, que Ele realizou ali em nosso favor *in toto*, mas em termos de responder a todas as questões dos seres inteligentes do Universo que nos observam.

Em Daniel 7:9 e 10 descreve-se o Juízo pré-Advento desenrolando-se diante de uma vasta multidão celestial: “Milhares de milhares o serviam e milhões de milhões estavam diante dele: assentou-se o juízo e abriram-se os livros” (Daniel 7:10).

Por que razão se dá este Juízo? Por que razão há livros abertos? Será que são necessários para um Deus Todo-Poderoso que conhece o fim desde o princípio? Claro que não. O Juízo deve ser realizado em favor daqueles “milhões de milhões” que rodeiam Deus, que não têm o conhecimento e a onisciência do próprio Deus. Perante estas inteligências celestiais, o Senhor está a realizar um Juízo, para lhes mostrar quais os pecadores que serão autorizados a viver na presença deles por toda a eternidade.

“Mas antes de o grande conflito terminar”, escreve o académico Adventista A. V. Wallenkampf, “deve tornar-se evidente para todas as inteligências celestiais sobre que base algumas pessoas irão experimentar a aniquilação, enquanto outras terão o privilégio de viver na presença de Deus por toda a eternidade. Isto deve tornar-se claro durante o Juízo investigativo. O propósito do Juízo

não é, como assumem erroneamente os nossos oponentes, determinar – nas palavras de Hoekema – ‘se uma pessoa será salva ou não’”.⁹

Aparentemente estas inteligências celestiais são satisfeitas, porque, após o Juízo terminar, elas proclamam: “Na verdade, ó Senhor Deus, Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos” (Apocalipse 16:7).

Balanças falsas

É tentador para aqueles que não são Adventistas distorcer um ensino como aquele sobre o Juízo investigativo. Na verdade, alguns Adventistas são os piores prevaricadores. Muitos focam-se na Lei presente no Lugar Santíssimo, mas passam inteiramente por alto o propiciatório da graça que também está aí, fazendo-o em detrimento da cruz. Para eles, a doutrina sobre o Juízo investigativo tornou-se na doutrina legalista, perfeccionista e contrária ao Evangelho de que nos acusam os nossos oponentes. Pode ser colocada tanta ênfase sobre o aspeto da Salvação que é expresso no Juízo pelas obras que as pessoas perdem a sua segurança em Cristo. O foco acaba por se centrar primeiramente sobre aquilo que nós fazemos, nos nossos sucessos, nas nossas boas ações, nas nossas vitórias e não em Jesus e naquilo que Ele fez, ou está a fazer, por nós.

Em resposta a isto, alguns caem no outro extremo, dando por terminado o Evangelho na cruz e no Lugar Santo, com pouca ou nenhuma ênfase no papel do Juízo ou das obras. Uma apresentação desequilibrada como esta leva as pessoas a cair na crença errônea de que nunca podemos perder a nossa justificação (I Coríntios 9:27), ou de que a nossa obediência nada tem a ver com a nossa redenção (Mateus 5:27-30).

Em vez disto, uma apresentação equilibrada do Plano da Salvação,

tal como este foi revelado no serviço do santuário, expõe a consonância básica entre a justificação pela fé e o Juízo pelas obras. Uma apresentação equilibrada protege os Cristãos de aceitarem uma graça barata, que pode enganar a pessoa e levá-la a experimentar uma falsa segurança (veja Mateus 7:21-23) ou a cair numa armadilha legalista, de Salvação pelas obras (Romanos 11:6). Uma compreensão equilibrada do santuário na sua totalidade, do altar das ofertas queimadas até ao Lugar Santíssimo, revela por que razão ainda estamos nesta Terra de pecado séculos depois de Jesus ter clamado na cruz “Está consumado!”. E, finalmente, uma apresentação equilibrada ajuda os Cristãos a focarem a sua atenção, não nas suas obras, mas na atividade presente de Cristo em seu favor.

Apocalipse 14 descreve um anjo, próximo do fim do tempo, tendo “um evangelho eterno” (versículo 6). Qual é a sua mensagem? “Temei a Deus e dai-lhe glória, porque vinda é a hora do seu juízo” (versículo 7). Para este anjo, o “evangelho eterno” inclui o Juízo. O que não admira, pois, quando é ensinado adequadamente, o Juízo, longe de negar o Evangelho, apresenta-se como o seu clímax! ✨

• Clifford Goldstein

Redator do Manual da Escola Sabatina

1. A. V. Wallenkampf, “Challengers to the Doctrine of the Sanctuary”, in Frank B. Holbrook (ed.), *Doctrine of the Sanctuary*, Washington, DC: General Conference of Seventh-day Adventists, 1989, p. 198.
2. Donald Barnhouse, “Are Seventh-day Adventists Christians?” *Eternity*, 1, September 1956, p. 44.
3. Walter Martin, *The Truth About Seventh-day Adventism*, Grand Rapids: Zondervan, 1960.
4. Anthony A. Hoekema, *The Four Major Cults*, Grand Rapids: Eerdmans, 1963.
5. David Neff, “A Sanctuary Movement”, *Christianity Today*, February 5, 1990, p. 20.
6. Ellen G. White, *The Desire of Ages*, Mountain View, Calif.: Pacific Press, 1940, p. 717.
7. *Idem*, p. 716. Itálico nosso.
8. Clifford Goldstein, *How Dare You Judge Us, God!* Boise, Ida.: Pacific Press, 1991.
9. Wallenkampf, p. 214.



A ADRA em Itália presta auxílio a imigrantes africanos

AR/RA

A Itália está a enfrentar uma crise de imigração, na medida em que um número recorde de pessoas vindas de África está a fugir dos seus países, onde impera a guerra e a crise económica. O ramo italiano da ADRA está a prestar auxílio a estes imigrantes. De facto, a ADRA distribuiu várias centenas de kits de higiene e organizou um concerto de música *gospel* para o mais recente grupo de imigrantes resgatados do mar Mediterrâneo pela marinha italiana. O navio italiano *Etna* aportou no porto siciliano de Palermo a 15 de junho, depois de resgatar 767 imigrantes

em várias operações realizadas no Mediterrâneo, incluindo um grupo que naufragou perto da costa da Líbia. “Estas pessoas desembarcaram doentes, mal-nutridas, exaustas e sem dignidade, por terem sido forçadas a fugir da sua pátria”, disse Luca Alfano, líder de projetos da ADRA em Itália. A Itália está a empregar a sua marinha de guerra para resgatar imigrantes e impedir mais mortes, depois de um barco cheio de imigrantes ter naufragado perto da ilha de Lampedusa em outubro, tendo morrido 366 pessoas. Milhares de imigrantes ilegais chegaram a Itália este

ano, superlotando os campos de acolhimento e deixando as autoridades sem saber o que fazer para deter o fluxo migratório. Os 767 imigrantes que chegaram a Itália a 15 de junho foram colocados em centros comunitários perto de Palermo, a capital da Sicília, que tem uma população de 650 000 pessoas. No dia 21 de junho, um sábado, os voluntários da ADRA visitaram um dos principais centros de acolhimento, que abriga 280 imigrantes provenientes de vários países africanos. “Isto permitiu-nos ver em primeira mão quais eram as necessidades reais e imediatas e o que

podíamos fazer para os fazer sentir bem-vindos e amados”, disse Alfano. Na segunda-feira seguinte, 23 de junho, os voluntários da ADRA entregaram aos imigrantes cerca de 300 kits de higiene pessoal, contendo sabonete, escova de dentes, pasta de dentes e toalhas. Na noite desse mesmo dia, o coro da igreja Adventista ganesa de Palermo realizou um programa musical no centro de acolhimento. A ADRA está a trabalhar com os líderes do centro de acolhimento para prover mais assistência, incluindo lições de Italiano e várias atividades recreativas e culturais. ✦

Cresce o dízimo na Divisão Inter-Europeia, apesar da Crise

ANN/RA

Muitos Adventistas do Sétimo Dia que vivem nos países europeus integrados na Divisão Inter-Europeia estão a entregar uma maior quantidade de dinheiro como dízimo, embora cerca de 40% dos membros inscritos não frequentem regularmente o serviço de culto. O dízimo devolvido em 2013 totalizou 100 milhões de euros, uma quantia semelhante à de 2012. A entrega do dízimo declinou significativamente em países

que estão a enfrentar a crise económica, como Espanha e Portugal, onde o dízimo desceu cerca de 20% nos últimos cinco anos, segundo relatório de Norbert Zens, Tesoureiro da Divisão Inter-Europeia. Isto significa que houve um aumento do dízimo noutras partes da Divisão, o que ajudou a estabilizar o montante global de dízimo entregue na Divisão. Por exemplo, o dízimo entregue pelos Adventistas em França, na Bélgica

e no Luxemburgo aumentou cerca de 30% nos últimos cinco anos. O que é mais significativo é que a maior parte do crescimento deve-se a um aumento da devolução do dízimo por parte de cada membro da Igreja. Gabriel Maurer, o Secretário executivo da Divisão, apresentou um relatório preliminar sobre a percentagem de membros de igreja que frequentam regularmente o serviço de culto no Sábado de manhã. As primei-

ras indicações apontam para 60% dos membros inscritos. Entretanto, a Divisão registou 3710 batismos em 2013. Deduzindo-se as perdas por morte e por apostasia, houve um aumento líquido de 325 pessoas, tendo o número total de membros da Divisão subido para 178 199. Existem no território da Divisão Inter-Europeia 2525 igrejas e 580 grupos. ✦

Os Adventistas das Caraíbas são os ofertantes mais generosos

AR/RA

O Haiti e a República Dominicana estão entre os países mais pobres do mundo, mas os Adventistas do Sétimo Dia aí residentes estão entre os ofertantes mais generosos no que toca às ofertas voluntárias. Mais de metade dos Adventistas na Divisão Inter-Americana, que inclui a América Central e as

ilhas das Caraíbas, dão como oferta 7% ou mais dos seus rendimentos, comunicou Filiberto Verduzco, o Tesoureiro da Divisão. A percentagem mais alta de ofertas cabe à República Dominicana, onde os Adventistas dão 10,6% do seu rendimento, e ao Haiti, onde os membros oferecem 10,1%. “Os membros da Di-

visão Inter-Americana estão entre os membros mais generosos da Igreja mundial”, diz Verduzco. Libna Stevens, diretora de Comunicações da Divisão, diz que Deus está a abençoar a fidelidade dos crentes na República Dominicana e no Haiti. “Eu já estive nos dois países. No Haiti, em especial, até custa a acreditar

no modo como Deus os abençoa! Penso que tem tudo a ver com a sua fé, que dá do pouco que eles têm. Os membros acreditam no dever de ajudar os outros e acreditam na liderança da Igreja.” ✦

A Igreja Adventista reorganiza as duas Casas Publicadoras Americanas

ANN/RA

A *Review and Herald* e a *Pacific Press* aprovaram a maior reestruturação realizada nos 153 anos de história da atividade editorial Adventista, abraçando um plano que fortalecerá a presença digital da Igreja nos EUA e garantirá a viabilidade a longo prazo da obra das Publicações. Segundo este plano, a *Pacific Press* tornar-se-á numa instituição da Divisão da América do Norte e a *Review and Herald* cessará as suas operações na sua sede de Hagerstown, Maryland, mas continuará a ser a casa editora

ao serviço da Conferência Geral. As mudanças nos padrões gerais de leitura do público e a tendência societal para a adesão aos meios de comunicação digitais prejudicaram gravemente as vendas de publicações Adventistas, pelo que tanto a *Review and Herald* como a *Pacific Press* corriam o risco de encerrar as suas atividades, se não fosse adotado um plano de reestruturação das duas empresas. Medida em dólares, a faturação da *Review and Herald* baixou de 45,8 milhões em 1985 para 21,8 milhões em 2013,

tendo a sua mão de obra descido, no mesmo período, de 315 empregados para 112. A faturação da *Pacific Press* desceu de 47,7 milhões em 1985 para 17 milhões em 2013, tendo a sua mão de obra passado, no mesmo período, de 210 empregados para 99. Assim, foi adotado o seguinte plano: A *Pacific Press* continuará a laborar em Nampa, Idaho. A *Review and Herald* mudar-se-á da sua atual localização em Hagerstown para Silver Spring, sede da Conferência Geral. Ela funcionará como editora das publicações

atuais da Conferência Geral e como editora dos novos produtos que se possam originar na Conferência Geral e que sejam destinados a um uso global. A *Review and Herald* contratará a impressão, a produção e a distribuição destes materiais, sendo isto executado pela *Pacific Press*. A *Pacific Press* continuará e desenvolverá a sua atividade editorial. Graças a este plano de reestruturação, fortalecer-se-á a obra das publicações da Igreja Adventista, bem como haverá uma maior aposta na produção de produtos digitais. ✦

Os Adventistas são convidados a orar pela paz na Ucrânia

ANN/RA

O presidente da Divisão Euro-Asiática da Igreja Adventista do Sétimo Dia lançou um apelo para que todos os Adventistas da Divisão orem pela paz na Ucrânia e façam uma oferta especial para que a ADRA possa apoiar aqueles que perderam os seus pertences devido ao clima de guerra que se vive no país. Guillermo Biaggi declarou o sábado 28 de junho como dia de oração unida em toda a Divisão, incluindo a Ucrânia, a Rússia e mais 10 outros países. Esta declaração de Biaggi ocorreu quatro me-

ses depois de os líderes Adventistas na Rússia e na Ucrânia terem emitido uma declaração conjunta em que apelavam à paz. A violência tem reclamado centenas de vidas desde que os protestos populares em Kiev, capital da Ucrânia, derrubaram o governo do Presidente ucraniano Viktor Yanukovich em fevereiro. A Rússia anexou a península ucraniana da Crimeia em março e separatistas pró-russos tomaram o controlo de duas províncias do Leste da Ucrânia, reivindicando a unificação com a Rússia. O novo

governo ucraniano acusou a Rússia de fomentar o separatismo, uma alegação que Moscovo rejeita. Biaggi sublinhou que a Igreja Adventista pretende que seja alcançada uma solução pacífica para a crise e não toma partido no conflito que opõe os dois países. Ele citou duas passagens bíblicas: I Timóteo 2:1 e 2, que diz que os Cristãos devem orar “por todos os que detêm autoridade”, para que “possamos levar uma vida tranquila e pacífica”, e Romanos 13:1-6, que diz que “cada um esteja sujeito às autoridades governan-

tes”. Biaggi disse também que a Igreja tem o dever de ajudar os Adventistas desalojados, bem como os milhares de outras pessoas que foram desalojadas por causa dos combates. O presidente da Divisão Euro-Asiática pediu às igrejas espalhadas por toda a Divisão que recolhessem uma oferta especial no dia 5 de julho, para ajudar os esforços da ADRA na assistência aos deslocados e refugiados de guerra, tanto Ucrânicos como Russo. Segundo a ONU, mais de 46 000 pessoas abandonaram os seus lares na Ucrânia. ✦

Evento na ONU aumenta a visibilidade da AIDLR

ANN/RA

A AIDLR (Associação Internacional de Defesa da Liberdade Religiosa), organização ligada à Igreja Adventista do Sétimo Dia, ganhou um acréscimo de visibilidade em junho, ao organizar o seu primeiro evento nas instalações das Nações Unidas em Genebra. A organização Adventista copatrocinou uma discussão à margem da 26ª sessão do Conselho dos Direitos Humanos

da ONU, que teve lugar a 10 de junho. “O grande milagre é que fomos capazes de organizar o nosso evento no lugar mais importante do mundo no que toca à defesa dos Direitos Humanos: A 26ª sessão do Conselho dos Direitos Humanos”, disse Liviu Olteanu, Secretário-geral da AIDLR. Um importante resultado alcançado foi o aumento da visibilidade da AIDLR e o resultante aumento

de interesse da ONU pela liberdade religiosa e pelas minorias religiosas. Os participantes do evento, designado “Direitos Humanos mundiais, liberdade religiosa e minorias religiosas”, chamaram a atenção para a necessidade de melhor coordenar os esforços da ONU, da União Europeia e de outras entidades que se interessam pela promoção dos Direitos Humanos. Entre as delegações participan-

tes no evento organizado pela AIDLR estiveram a Argélia, a Áustria, a Dinamarca, a Hungria, Malta, a Rússia, a Sérvia e o Vaticano. Estiveram também presentes pessoas de várias fés: Protestantes, Católicos, Ortodoxos e Muçulmanos. Os outros copatrocinadores do evento foram as delegações permanentes do Canadá, da Noruega, da Espanha, do Uruguai e do Conselho da Europa. ✦

Campanha da ADRA 2014

AD7/RA

A ADRA-Portugal, Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD), realizou a sua habitual recolha de fundos anual, a nível nacional, para suporte de projetos humanitários e sociais no nosso país e no estrangeiro. Esta ação, cujo tema foi “+ Vida”, decorreu em espaços públicos de 29 de junho a 6 de julho de 2014, através de um peditório nacional em que foi entregue aos doadores um folheto alusivo ao tema. Paralelamente, os voluntários tiveram disponíveis

para venda pacotes de puré de fruta alusivos à Campanha. Todo o território nacional foi abrangido por esta iniciativa, levada a cabo pelos voluntários das igrejas Adventistas do Sétimo Dia no Continente e nas Regiões Autónomas, com autorização do Ministério da Administração Interna e dos Governos Regionais dos Açores e da Madeira. A ADRA-Portugal promove no estrangeiro o desenvolvimento comunitário sustentável e providencia ajuda humanitária de emergência sem olhar



a opções políticas ou religiosas e independentemente da idade, do género, da raça ou da etnia. No nosso país a ADRA-Portugal realiza projetos de caráter social nas áreas

de apoio às famílias carenciadas, às crianças, às mulheres, aos idosos e aos imigrantes, sendo os mesmos realizados pelas diversas delegações espalhadas pelo país.

II Halal Festival em Aveiro

AD7/RA

O Serviço de Música e Liturgia realizou no sábado 21 de junho a segunda edição do Halal Festival. A igreja de Aveiro foi o local escolhido para esta programação, tendo recebido com alegria os cantores e os músicos participantes, bem como todos os que ali se deslocaram. Como convidados especiais estiveram presentes o Grupo de Jovens, com o projeto “A Grande Esperança”, e o Grupo Domus. Ambos os grupos apadrinharam as seis canções inéditas apresentadas neste festival. Os concorrentes estavam satisfeitos por terem a oportunidade de participar

no II Halal Festival. Um dos objetivos do Halal Festival é motivar e desafiar os músicos Adventistas a criarem novos temas e novas canções, de modo a enriquecer a música nas igrejas. É mesmo se alguns já tinham participado no ano passado, este ano houve novos participantes, que vieram enriquecer ainda mais o programa musical. Para o Pr. José Lagoa, diretor do Serviço de Música e Liturgia, “O Festival do Hino está a ganhar alguma notoriedade na IASD e, de ano para ano, os objetivos estão a ser alcançados”. O prémio de participação foi igual



para todos os concorrentes. Eles viram o tema que criaram e interpretaram registado

em CD, que em breve estará disponível para aquisição por parte do público.

VI Encontro dos Antigos Alunos do CAOD

AD7/RA

No sábado 28 de junho, realizou-se o VI Encontro de antigos alunos do CAOD, uma atividade que acontece a cada 4 ou 5 anos. Este ano revestiu-se de particular importância por se inserir nas comemorações do 40º aniversário da instituição. As atividades desenvolveram-

-se durante todo o dia de sábado, com os habituais serviços de Escola Sabatina e de Culto de Louvor, ambos dinamizados por antigos alunos. Durante a Escola Sabatina os antigos alunos Enoque e Ezequiel Duarte recordaram a fé em Deus e a ousadia dos primeiros encar-

regados de educação que investiram numa educação cristã nos controversos anos de 1974 e 1975. O Pr. Daniel Gouveia, também um antigo aluno, pregou sobre “Construir”, tema atual dos projetos educativos das escolas da rede escolar Adventista em Portugal. Na

parte da tarde, após os antigos alunos terem passado pela exposição de fotografias e pela projeção de filmes, o Pr. Edgar Justino, antigo aluno e atual capelão e preceptor do CAOD, dinamizou alguns momentos de partilha, de testemunhos e de convívio.

Batismos em Albufeira e Portimão

Luís Carlos Fonseca, Pastor

No sábado 5 de abril do corrente ano, a igreja de Albufeira teve a grata alegria de testemunhar o batismo do irmão Lino Correia e do irmão Justin Marinho. O sermão batismal transmitiu aos candidatos palavras de ânimo, destinadas a promover o compromisso com Cristo e a motivação missionária. A igreja de Albufeira ficou feliz por contar com mais dois servos de Jesus que já estão envolvidos nas atividades missionárias. O irmão Lino Correia, desejoso de conhecer a verdade e atento pesquisador da Bíblia, procurou a igreja de Albufeira, recebeu estudos bíblicos e pe-

diu o batismo. O irmão Justin Marinho já iniciou um grupo de estudos da Bíblia com quatro colegas do seu emprego. A sua iniciativa lembra-nos o conhecido texto inspirado: “Todo o verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como um missionário. Assim que vem a conhecer o Salvador, deseja pôr os outros em contacto com Ele. A santificadora verdade não pode ficar encerrada no seu coração. Aquele que bebe da água viva torna-se numa fonte de vida. O recipiente vem a ser um doador. A graça de Cristo na alma é como uma fonte no deserto, vertendo para refrige-

rar a todos e fazendo com que os prestes a perecer tenham sede da água da vida. Fazendo esta obra, é recebida uma maior bênção do que se trabalharmos unicamente para nos beneficiar a nós mesmos. É trabalhando para disseminar as boas-novas de Salvação que somos levados perto do Salvador” (Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 31). A igreja de Portimão teve também a alegria de testemunhar o batismo de dois novos membros, em momentos e locais diferentes. No sábado 7 de junho, o irmão Valter Delgado desceu às águas batismais na igreja de Lagoa, e,

no dia 28 do mesmo mês, o jovem Tiago da Silva Fernandes foi batizado na igreja de São Jorge, pertencente ao distrito pastoral de Leiria. Neste dia, a igreja estava repleta de amigos, familiares do Tiago e membros da igreja de Alcanena, quando um casal, David e Patrícia Alves, também foi batizado. O pastor Manuel Cordeiro, responsável pela igreja de Alcanena, preparou o casal, batizou-o e apresentou a mensagem do culto solene. Damos graças a Deus pela decisão destes novos irmãos e estendemos-lhes as boas-vindas à Igreja de Jesus Cristo. ✨

Campanha de evangelização Para Além da Imaginação

RA

De 3 a 10 de maio do corrente ano realizou-se no território da União Portuguesa a campanha de evangelização “Para Além da Imaginação”, inspirada no tema do livro missionário com o mesmo nome. Das 118 igrejas e grupos existentes em Portugal, 46 igrejas realizaram a campanha. Foram contabilizadas 1414 presenças, 186 das quais foram de visitas não

filiadas na Igreja Adventista do Sétimo Dia. No termo da campanha foram feitos 102 pedidos de estudos bíblicos por parte de pessoas interessadas. O clima geral vivido na campanha foi muito positivo. As visitas que se deslocaram às igrejas Adventistas puderam ter um contacto mais profundo com algumas das crenças fundamentais da nossa Igreja e os membros que

assistiram à campanha tiveram as suas convicções reforçadas e a sua fé na Palavra de Deus fortalecida. De facto, durante os oito dias de duração da campanha foram abordados temas interessantes. A primeira palestra abordou a principal prova racional para a existência de um Deus Criador e a última teve por tema a Nova Terra. Pelo meio foram abordados os fundamen-

tos bíblicos de algumas crenças Adventistas fundamentais, tais como a crença sobre o Sábado ou a crença sobre a Segunda Vinda de Jesus. Resta-nos aguardar que a semente semeada dê o seu fruto e que muitas almas que tiveram o seu primeiro contacto aprofundado com as crenças Adventistas possam tomar uma decisão pela verdade e aderir à fé em Jesus. ✨

DESCANSOU NO SENHOR

IASD Espinho – Pedro F.

Nos últimos tempos, alguns dos nossos irmãos, crentes e companheiros na mesma fé em Jesus, adormeceram no Senhor e, por lapso, ficaram esquecidos de, para memória futura, serem lembrados por escrito na *Revista Adventista*, o órgão oficial da nossa Igreja. Lembramo-los agora em nome da igreja de Espinho, apenas a partir do ano 2012, com o pedido de desculpas às famílias enlutadas. Mencionamos os

seus nomes, escalonados no tempo, nome a nome, recordando-os com muita saudade e esperando, pela fé, que nós, a igreja e as famílias, os reencontremos no dia da ressurreição, aquando do solene regresso de Jesus em poder e glória. Maranata! Seguem-se os nomes dos falecidos, por ordem de datas de falecimento e com um pequeno apontamento sobre as suas famílias, isto para melhor identificação por parte da comunidade Adventista portuguesa.

António Monteiro Mendes – Nasceu a 1/4/1933 – Faleceu a 1/7/2012. A sua esposa, a nossa irmã Ismênia, vive ain-

da e continua a ser membro assíduo da nossa igreja.

Silvina Dias Vieira – Nasceu a 16/5/1920 – Faleceu a 15/8/2012. Mãe da nossa ex-irmã Olinda Alves e avó dos nossos ex-irmãos Carlos Alves, Daniel e Carla.

Olivia Correia Oliveira – Nasceu a 5/9/1940 – Faleceu a 31/10/2012. Mãe das nossas irmãs Maria de Lurdes Dias e Conceição Costa.

Aurora Fernandes Rodrigues – Nasceu a 17/11/1936 – Faleceu a 16/12/2013. Esposa do nosso Irmão Ancião António Dias, antigo Colportor.

Américo Oliveira – Nasceu a 8/8/1930 – Faleceu a 10 de

março de 2014. Pai da nossa irmã Rosa Almeida e sogro do nosso irmão Américo de Almeida.

Joaquim Rodrigues – Nasceu a 19/6/1925 – Faleceu a 12/4/2014. Este irmão, patriarca de uma grande família, membros de igreja, foi também o construtor do Templo Adventista, sede atual da IASD de Espinho. ✨

Batismo em Guimarães

Sandra Ferreira, Pastora Auxiliar da IASD de Guimarães

No Sábado 28 de junho, a Igreja de Guimarães celebrou com alegria e louvor o batismo do irmão Alberto Castro. Perante um salão cheio de visitas, e depois de ter feito a sua caminhada de preparação, este irmão entregou a sua vida a Jesus. A história da conversão do irmão Alberto Castro é surpreendente. Depois de ler um dos

nostros livros e de pesquisar na Internet sobre quem eram e em que criam os Adventistas do Sétimo Dia, entrou num Sábado de manhã na nossa igreja, sentou-se, ouviu com atenção e, à saída, disse-me: Pastora, vim aqui para me batizar, porque sei que esta é a Igreja verdadeira. E assim foi. Que o Senhor abençoe este Seu filho e a Sua Igreja. 🙏



JÁ CONHECE OS NOVOS LIVROS CHEGADOS DO BRASIL?

Esta e outras informações chegam até si na **Newsletter PSeVir**.

INSCREVA-SE EM <http://eepurl.com/ARebr>



Prezados,

É com prazer que vos informamos que recebemos livros do Brasil! Temos uma grande quantidade de títulos, várias novidades, o que nos permite pensar que vamos cumprir as expectativas da Igreja. Para dar a conhecer todos os livros que nos chegaram, além da descrição desta newsletter, é nossa intenção visitar as Regiões, e ter um encontro com todos os Diretores de Livraria e Obreiros, de forma a poderem conhecer todos os livros, consultá-los, e, se desejarem, fazerem as suas encomendas, e levá-los de imediato, poupano assinu no transporte.

Calendário de visitação:

Região Norte
Domingo 13, das 10h às 13h – CAOD (internato)

Região Centro
Domingo 13, das 17h às 21h – Igreja de Coimbra

Região de Lisboa e Vale do Tejo
Segunda e terça-feira 14 e 15, das 14h às 21h – Publicadora SerVir

Região de Lisboa e Vale do Tejo MARGEM SUL
Quarta-feira 16, das 18h às 22h – Igreja do Barreiro

Neste momento não é possível agendar uma visita à Região do Alentejo e Algarve. Oportunamente daremos mais informações. Entretanto pedimos aos irmãos responsáveis desta Região que nos façam chegar os pedidos pelas vias normais.

Como sempre contamos convosco, com a vossa colaboração neste grande ministério que é o das Publicações. Sempre ao dispor,

Artur Guimarães

NOVIDADES



A DIFERENÇA DE UM SÓ

Uma só pessoa faz a **diferença**. Após muitos anos de serviço na África do Sul, o famoso missionário

Robert Moffat regressou à Escócia para recrutar ajudantes. Quando ele chegou à igreja, ficou desapontado porque apenas um pequeno grupo de pessoas estava ali para o ouvir. O que mais o aborreceu foi o facto de o grupo ser composto apenas por mulheres. Elas não poderiam deixar a Escócia e partir como missionárias sem os respetivos maridos e familiares. Moffat tinha a esperança de desafiar homens para que eles partissem como missionários. Até o texto bíblico que ele havia escolhido para o sermão era “A vós, ó homens, clamo” (Provérbios 8:4). Bem ao fundo da igreja estava um rapazinho a acionar os foles do órgão. Ele era novo de mais para ser missionário em África, mas ouviu a pregação com grande interesse. Entretanto,

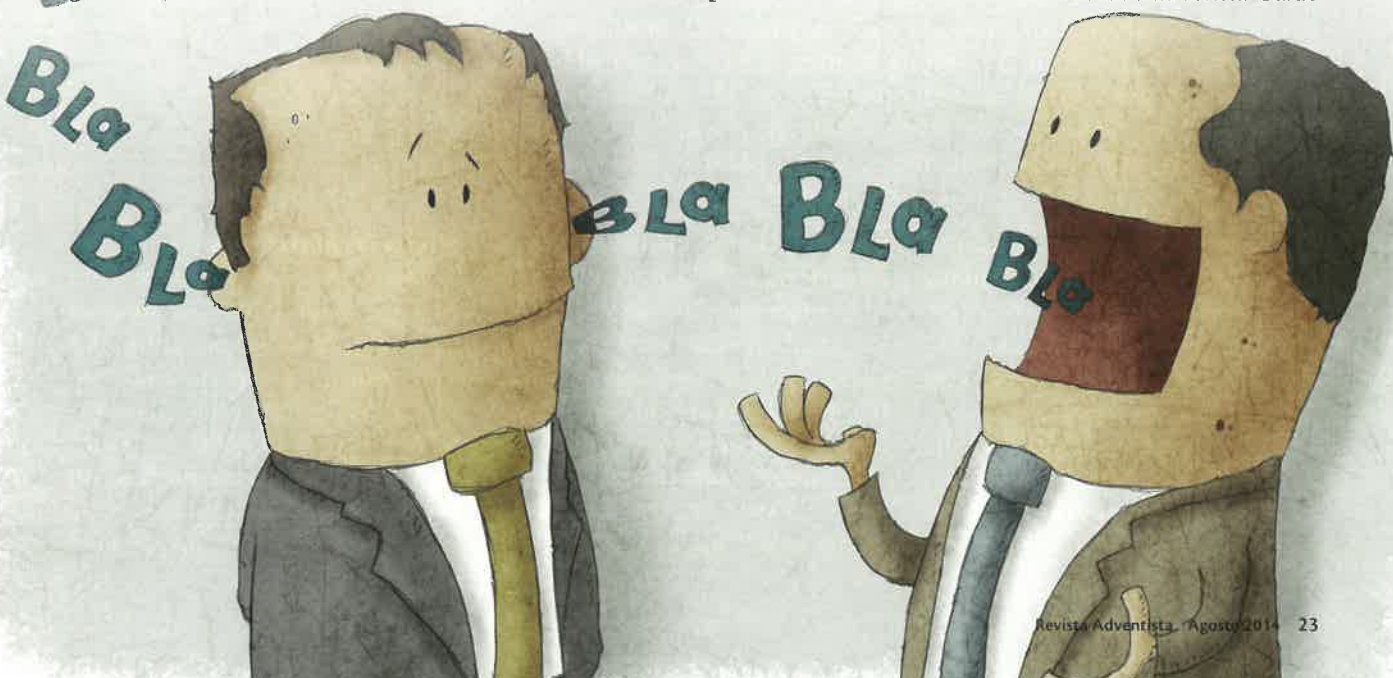
Moffat pregou dominado pela frustração, sabendo que ninguém na audiência o seguiria no seu regresso a África.

Mas Deus opera de modos misteriosos. Anos mais tarde, aquele rapazinho que acionara o órgão durante a reunião em que Moffat pregara tornou-se num missionário empenhado em alcançar as tribos de África. O seu nome era David Livingstone! Graças a David, milhões de Africanos conhecem Jesus hoje.

Uma só pessoa poderia ter feito a diferença. Uma baronesa cristã vivia nas terras altas de Nairobi, no Quênia. Sendo muito rica, ela tinha muitas pessoas a trabalhar para si. Uma dessas pessoas era um rapazinho que lhe servia de moço de recados. Um dia, o rapaz aproximou-se da baronesa e disse-lhe que não ia continuar a trabalhar para ela e que gostaria de receber uma carta de recomendação da parte dela. A baronesa ficou surpreendida. Ela

pagava bem ao rapaz. Ele tinha um lar confortável. Ela realmente gostava dele, pelo que propôs-lhe um salário mais elevado para que ele ficasse a trabalhar para si. Mas o rapaz respondeu que não estava a deixar o seu emprego para partir em busca de mais dinheiro. Ele disse-lhe que tinha vindo trabalhar para ela há três meses para observar o modo de vida dos Cristãos. Agora ele estava pronto para trabalhar para um Muçulmano para poder observar o seu modo de vida. No fim dos próximos três meses ele iria decidir se se tornaria Cristão ou Muçulmano. A baronesa sentiu-se frustrada. Ela começou a pensar naquilo que teria feito de modo diferente nos últimos três meses, se soubesse que estava a ser observada tão minuciosamente. Agora, tudo o que ela pôde fazer foi exclamar: “Porque não me disseste isso desde o princípio?” Mas, agora, era tarde de mais.

Retirado da revista Guide



Muitas “Terras”, mas nenhuma vida

É nossa convicção profunda que a verdadeira Ciência orienta o ser humano para Deus. Ao longo desta série de artigos, pretendemos fornecer elementos que permitam demonstrar as bases para esta convicção. Cada mês vamos explorar uma descoberta ou um avanço científico e vamos verificar o que estes podem significar para a nossa fé.

Viajando Longe de Casa

Todos os dias, alguns cientistas altamente qualificados colocam uma espécie de óculos de visualização 3D e usam imagens captadas de um terreno para decidir qual o percurso que dois veículos irão fazer no dia seguinte. Isto não teria nada de muito extraordinário – a tecnologia 3D já vai sendo bastante comum –, se esses veículos não estivessem a uma distância média da Terra de 225 milhões de quilômetros! Isso mesmo, neste exato momento em que vos escrevo, dois veículos estão em movimento no planeta Marte, fazendo foto-

gráficas e experiências científicas e enviando dados para o planeta Terra sobre as características do famoso planeta vermelho. Os veículos em questão chamam-se *Curiosity* e *Opportunity*.¹

Todos os dias os cientistas têm de orientar os veículos na escolha dos próximos deslocamentos que eles irão fazer, utilizando

ferramentas de visualização 3D do terreno.

O mais recente destes veículos, chamado *Curiosity*, tem a capacidade de se deslocar à estonteante velocidade de 30 metros por hora, sendo previsto que ele se desloque cerca de 19km ao longo da vida útil da sua missão de cerca de 2 anos.

Mistérios Marcianos

Mistérios relativos ao planeta Marte fazem parte do folclore astronómico desde há muito. Por isso, normalmente falamos de marcianos para designar os extraterrestres em geral. Essa tradição começou, pelo menos, no século XIX, quando houve muita excitação em torno da alegada

descoberta, a partir de observação por telescópios, da existência de canais em Marte. Canais que, naturalmente, só poderiam ter sido construídos por marcianos... Estes canais acabaram por não ser mais do que uma ilusão ótica, criada por formações geológicas que, vistas de certos ângulos, tinham realmente alguma semelhança com canais. Mas acima de tudo foram criados pela imaginação dos astrónomos e pela vontade dos seus observadores de os encontrar.

Mais recentemente, em 1976, os próprios cientistas da NASA,² ao estudarem as fotografias feitas pela sonda *Viking 1*³ da superfície de Marte, não podiam crer nos seus olhos – na fotografia podia distinguir-se claramente um rosto. Rapidamente se concluiu que se tratava apenas de um efeito criado pelo ângulo da iluminação e pela relativamente baixa resolução das câmaras de imagem da *Viking*. Mas a excitação a propósito da possível existência de vida em Marte continua, apesar das evidências em contrário. Outras pessoas acreditam ter avistado pirâmides em imagens obtidas com sondas espaciais, imagens essas que vão alimentando o mistério.

Outro grupo de cientistas anunciou a descoberta de gás Metano em Marte, o que só poderia ter sido gerado como parte de algum processo biológico. Acontece que os resultados da análise da atmosfera de Marte feitos recentemente pela sonda *Curiosity* demonstraram que a existência de Metano em Marte também não passou de uma ilusão. Outro mistério está relacionado com indícios geológicos que parecem indicar ter havido fluxo de líquidos na superfície de Marte no passado. Hoje sabemos que

existe gelo em Marte, que pode ser observado no polo norte do Planeta. A quantidade de gelo poderá ser suficiente para cobrir todo o Planeta com uma camada de cerca de 35 metros de água.⁴

Mas o que parece extremamente improvável com base nas condições atuais é que esse gelo tenha fluído como água no passado, uma vez que, apesar de em alguns momentos e em alguns locais Marte experimentar temperaturas positivas, na maior parte do tempo e dos locais as temperaturas são da ordem dos 100 graus negativos, o que inviabiliza o fluxo de líquidos na superfície do Planeta.⁵

Mas o maior mistério de todos está relacionado com uma experiência científica realizada em 1975.

Vikings em Marte

Ao longo das últimas décadas, tem havido o envio de uma sucessão de sondas para a superfície de Marte. Cada uma mais completa e mais complexa do que a anterior. Tudo se iniciou em 1975 com as sondas *Viking*, já mencionadas, que aumentaram grandemente o nosso conhecimento sobre o planeta vermelho. Estas sondas tinham capacidade de analisar pedaços de solo marciano, de forma a procurar vestígios da existência de vida atual ou passada em Marte. Acontece que uma destas experiências, realizada em 1976, teve resultado positivo – de acordo com esta experiência, existiria vida hoje (ou pelo menos em 1976) em Marte. Esta experiência, juntamente com outros doze grandes mistérios científicos, encontra-se relatada num livro muito interessante com o título *Treze experiências que não fazem sentido*.⁶ Recentemente, em 2012,⁷ 36

anos depois da experiência inicial, foi feita uma análise de todo o material disponível e continua a não se encontrar qualquer falha na experiência que invalide o seu resultado. No entanto, nenhuma outra experiência ou sonda encontrou qualquer outro indício de que ainda exista vida em Marte ou qualquer outra prova que demonstre que, em algum momento, o Planeta sustentou algum tipo de vida.

Em Busca de Indícios de Vida no Universo

Voltando à atualidade, descobrimos que a grande missão da sonda *Curiosity*, que aterrou em Marte em 6 de agosto de 2012, é exatamente continuar esta busca por vida no Planeta e procurar resolver de uma vez por todas este mistério. É uma espécie de obsessão da comunidade científica. A busca por vida, não só em Marte, mas em todo o Universo, continua a fascinar o ser humano. Será apenas um interesse científico ou haverá um ímpeto para demonstrar que pode estar errada a crença no valor especial e único da vida criada propositadamente por Deus no planeta Terra?

Em artigos anteriores mencionei os esforços de busca de vida inteligente no Universo, esforços como o projeto SETI.⁸ Por coincidência, mas confirmando a premissa deste artigo relativa ao interesse quase obsessivo e recorrente por este tema, acabo de descobrir que o último número da edição Americana da revista *National Geographic*⁹ dedica a sua capa, mais uma vez, ao tema da existência de vida extraterrestre.

Além da capa, a revista apresenta um extenso artigo sobre este tema, com o título “A Busca Por Vida Além da Terra – Uma Das Perguntas Mais Antigas Po-

derá Ser Respondida Na Nossa Geração – Estaremos Sós?”. Será interessante termos os resultados quando a questão estiver respondida definitivamente. Penso que já sabemos a resposta, mas é bom que cheguemos a ela de forma científica e não apenas de forma espiritual.

Contando os Mundos

No artigo atrás referido volta a ser mencionada a famosa equação de Drake. Esta equação é um esforço teórico em que se procura quantificar este tema, e dela já demos notícia em artigos anteriores.¹⁰ Esta equação sempre foi controversa, devido à incerteza sobre o valor de cada um dos seus termos, podendo por isso resultar facilmente em valores muito diferentes. Mas, de acordo com valores razoáveis para os seus termos e as últimas novidades da ciência de Planetologia, deveriam existir pelo menos 10 000 civilizações com inteligência e capacidade tecnológica para emitir sinais que poderíamos detetar. Trata-se de um resultado notável quando, após mais de 40 anos de busca intensa por esses sinais de comunicação vindos dessas sociedades inteligentes, não encontramos absolutamente nada. Apesar de alguns falsos alarmes, até hoje não captámos nenhuma evidência da existência de vida extraterrestre. Pensamos que isso confirma o que inferimos a partir da Palavra de Deus e do Espírito de Profecia: É natural esperar uma inexistência de comunicação entre o nosso mundo caído e os mundos não caídos.

Muitos Planetas

Mas a Ciência faz o seu papel admirável de seguir as evidências até às suas últimas consequências e os anos recentes têm sido

muito interessantes nesta área da busca por Planetas. O primeiro Planeta a orbitar uma estrela fora do sistema solar foi descoberto em 1995. Entretanto, as descobertas foram-se multiplicando. Neste momento¹¹ existem 1787 Planetas extrassolares confirmados em cerca de 1187 sistemas solares diferentes. Existe ainda aproximadamente a mesma quantidade de observações que indicam a existência de outros tantos Planetas, mas essas observações estão ainda sujeitas a confirmação. Apenas uma pequena parte destes Planetas tem dimensões comparáveis às da Terra e apenas uma fração deles se encontra no que se chama a “zona habitável”, isto é, a zona onde a distância à estrela poderia garantir uma temperatura e demais condições adequadas à existência de vida.¹²

Num artigo meu publicado em setembro de 2009, dei notícia da descoberta – na altura, incrível – de um Planeta com cinco vezes a massa do Planeta Terra. Descoberta importante apesar de o Planeta se encontrar longe da “zona habitável”. Nessa altura tinham sido descobertos apenas

350 Planetas e nenhum deles tinha o tamanho ou a posição adequada para poder abrigar vida. Neste artigo, quero dar-vos notícia da confirmação recente da descoberta – em 17 de abril de 2014 – do primeiro Planeta com tamanho semelhante ao da Terra e localizado na “zona habitável” da sua estrela. Ou seja, o primeiro Planeta que poderia abrigar vida, tal como a conhecemos no planeta Terra. Trata-se do planeta Kepler 186f.

Kepler 186f

Este planeta 186f foi detetado após três anos de análise das observações de um satélite telescópio espacial que foi desenhado exclusivamente para procurar Planetas extrassolares – satélite Kepler. Daí o nome do Kepler também dado ao Planeta sendo o número 186 a indicação da ordem na sequência de descobertas do telescópio e f o facto de ser o quinto Planeta no sistema planetário a contar da respetiva estrela. O Kepler 186f situa-se cerca de 500 anos-luz¹³ do nosso Sistema Solar, é apenas 10% maior do que o planeta Terra e faz parte de um sistema cor



cinco Planetas. Orbita três vezes mais próximo da sua estrela do que o planeta Terra orbita em relação ao Sol. Porém, como o seu Sol é menor e menos brilhante do que o nosso Sol, ele orbita na famosa e rara “zona habitável”.¹⁴ Especula-se que será um Planeta rochoso como a Terra e como Marte, mas não sabemos muito mais sobre este novo mundo. Sabemos da sua existência não por observação direta, mas sim a partir da diminuição da luz que recebemos da sua estrela, quando ele passa na frente dela.

Conclusão

O Dr. Drake, que nos anos 60 – no início da sua carreira científica – propôs a famosa equação que tem o seu nome –, ainda é vivo e tem hoje 84 anos. As descobertas recentes têm permitido ajustar os valores dos parâmetros da sua equação e feito com que o resultado possível – a quantidade estimada de civilizações com tecnologia suficientemente avançada para emitir sinais detetáveis por nós – não pare de aumentar. Apesar disso, os nossos detetores de sinais inteligentes extraterrestres conti-

nuam mudos, tal como as experiências biológicas realizadas por sondas em solo marciano.

Apesar de reduções no financiamento das experiências do Instituto SETI, a busca por vida extraterrestre continua a ser o maior impulsionador do envio de sondas para Marte, existindo já vários projetos para se enviar novos e mais complexos veículos.

Por outro lado, a confirmação de que existem Planetas – e tudo indica que existam muitos – com tamanho e localização que permitam abrigar vida, tornam ainda mais relevante o facto de não ter sido encontrada vida fora da Terra. Não é por não existirem condições para a existência de vida – dizemos nós –, é porque Deus decidiu criar vida e provavelmente circunscrevê-la no nosso planeta Terra no que diz respeito ao nosso sistema solar.

Mais uma vez, as descobertas científicas, quando consideradas na sua totalidade e após tempo de maturação, mostram-nos que podemos continuar a confiar na Palavra de Deus.

Pode ser que se descubram vestígios de vida em Marte ou até alguma forma de vida microscó-

pica, mas ela terá muito provavelmente sido originada na Terra.

• Miguel Mateus

*Engenheiro em Eletrotécnica –
Telecomunicações e Eletrónica
Mestre em Investigação Operacional
Grau de MBA*

1. http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_missions_to_Mars.
2. http://science1.nasa.gov/science-news/science-at-nasa/2001/ast24may_1/.
3. O programa *Viking* era composto por duas sondas e por veículos enviados para estudar o planeta Marte. A 7 1 foi lançada em 20 de agosto de 1975 e entrou na órbita de Marte em 19 de junho de 1976.
4. http://en.wikipedia.org/wiki/Water_on_Mars.
5. http://en.wikipedia.org/wiki/Climate_of_Mars.
6. Livro não disponível em Português, com o título original *13 Things That Don't Make Sense*, Michael Brooks, Doubleday, 2008.
7. http://www.nbcnews.com/id/47031923/ns/technology_and_science-science/#.U6TIKPIdWS0.
8. *Search For Extraterrestrial Intelligence* ou, em Português, “Busca por Inteligência Extraterrestre”. Website: <http://www.seti.org/>.
9. Artigo de capa da edição de julho de 2014.
10. Equação imaginada em 1961 pelo Astrónomo Francis Drake, que pretende calcular a quantidade de Planetas (N) na nossa Via Láctea que possuem simultaneamente vida inteligente e sofisticação tecnológica para emitir sinais detetáveis com os nossos instrumentos. Ver o meu artigo de janeiro de 2010 para uma descrição completa de como a equação funciona.
11. De acordo com o site <http://www.openexoplanetcatalogue.com/> que possui uma base de dados de Planetas extrassolares. Consultado no dia 21 de junho de 2014.
12. http://pt.wikipedia.org/wiki/Zona_habitavel.
13. As distâncias no espaço interestelar – devido à sua enormidade – medem-se em anos-luz. Um ano-luz é a distância que a luz percorre durante um ano, aproximadamente 10 triliões de quilómetros, ou seja 1012 quilómetros por segundo.
14. <http://www.space.com/25541-alien-planet-kepler-186f-facts.html>.

Um memorial da Salvação

AS OBRAS IMPORTAM?

“O problema com os Adventistas do Sétimo Dia”, explicou o pregador, “é que eles acreditam que são salvos pelas suas obras”. Esta acusação surge repetidamente, de década em década, e, assim, não é nada de novo para o fiel Adventista. Desde os dias de Ellen White, temos sido bombardeados com rótulos, tais como “Legalistas”, “Fariseus”, “Fanáticos”, “Defensores de absurdos” e (este é o meu favorito) “Judeus”. Outra observação crítica que já ouvi acerca da Igreja Adventista do Sétimo Dia é a de que a nossa maior asneira foi a eliminação da doutrina da justificação pela fé.

Sendo um jovem que crescia na região dos Estados Unidos conhecida como a “Faixa da Bíblia”, as variadas doutrinas dos meus companheiros Protestantes estavam sempre presentes e eram bastante

conspícuas durante a minha formação. Fosse qual fosse a doutrina distintiva que se pudesse criticar na Igreja Adventista, a conversa acabava inevitavelmente por tocar, a dada altura, na questão da justifi-

cação pela fé. Naqueles dias, a disputa mais comum não tinha a ver com o Santuário. Tinha antes a ver com as obras.

Devo admitir que mesmo eu não compreendia plenamente o papel que as obras tinham. Ouvir uma barragem constante de críticas contra a importância das obras fez-me questionar se elas seriam realmente necessárias. “O justo viverá pela fé”, dizia-me alguém, citando Martinho Lutero e Romanos 1:17. Após estes encontros, eu afastava-me pensativo. Teriam eles razão?

Simultaneamente, as passagens familiares de Tiago – “A fé sem as

obras é morta” (2:26) e “O homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé” (2:24) – ecoavam na minha mente. As obras tinham importância, argumentava eu em resposta.

Na verdade, as obras realmente têm importância. Mas, será que elas salvam?

A minha epifania não teve lugar até que eu atingisse os vinte anos, após vários anos de estudo sério da Bíblia. As obras têm realmente importância, mas elas não salvam. De facto, as obras são o memorial da nossa salvação, não a sua fonte.

Criou Deus o mundo ao descansar no sétimo dia e ao santificá-lo? Claro que não. Então nós encontramos salvação ao realizarmos obras? Não, as nossas obras são o resultado da gratidão e da recordação da obra salvadora de Deus na nossa vida, tal como o Sábado se apresenta como o memorial da obra criadora de Deus no mundo.

No passado

No livro de Génesis Deus disse a Abraão que os seus descendentes seriam escravos numa terra estranha durante quatrocentos anos. O Senhor também prometeu julgar os seus opressores e trazer a posteridade de Abraão do Egito, para lhes dar a terra que havia prometido aos seus pais. Quando chegou o tempo de libertar Israel, o Senhor lançou praga após praga sobre os Egípcios e sobre o endurecido Faraó. A última e mais devastadora praga trouxe o luto a um povo inteiro, dado que todos os primogénitos do Egito morreram nas trevas da noite.

Lembre-se de que a Lei de Moisés, os Dez Mandamentos e as várias ordenanças dadas no Sinai ainda não tinham sido comunicadas aos Israelitas. O Senhor salvou-os não pelas obras, mas pela fé no sangue do Cordeiro Pascal, Jesus Cristo. Na verdade, “o jus-

to viverá pela fé” tanto no Velho, como no Novo Testamentos. Primeiro Deus trouxe a salvação e só depois levou os Seus filhos ao Sinai. Não foi ao contrário.

Esta ilustração está relacionada com a ideia de que Deus vai ao nosso encontro onde nós estamos. Deus sempre nos encontra onde estamos, mas Ele recusa deixar-nos ficar aí. Deus não esperava que Israel escapasse do Egito sozinho e se orientasse por si mesmo até ao Sinai. Nem Ele planeou salvá-lo, mas deixá-lo no Egito. Com mão forte, Deus fez subir do Egito os Seus filhos. Nem uma só vez as obras desempenharam uma função na sua salvação – apenas a fé o fez.

Então, aquando da entrega dos Dez Mandamentos, as primeiras palavras de Deus foram: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (Êxodo 20:2). Há aqui uma lição espiritual profunda, que vai além do Egito literal. Mais importante do que a dívida da Lei, Deus lembrou primeiro os Israelitas de Quem Ele era, em primeiro lugar e antes de mais – Ele era o seu Salvador.

Após o Sinai, toda a economia judia estava centrada no elaborado sistema sacrificial. Este sistema não apenas recordava a salvação para fora do Egito realizada pelo Senhor, mas olhava com fé para a futura vinda de um Salvador que iria libertar o Seu povo.

A fonte

Qualquer teologia que faz das obras uma parte do processo para se receber a salvação é uma falsa religião. Como afirmou tão claramente o apóstolo Paulo: “Onde está, logo, a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé. Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei” (Romanos 3:27 e 28).

Mas antes de deitarmos fora a importância das obras, lembre-se de que Jesus disse: “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos” (João 14:15). Não podemos minimizar a importância do que Jesus está aqui a dizer, ou a não dizer. Ele não está a dizer: “Se quiserem ser salvos, guardem os Meus mandamentos.” Ele está a exprimir a ideia de que aqueles que se chegaram a Cristo, que experimentaram a Sua graça e a Sua misericórdia e que foram lavados no sangue do Cordeiro irão inevitavelmente refletir o carácter de Cristo, por si mesmos e não por obrigação.

Nós vivemos vidas santas e consagradas não para que sejamos salvos, mas porque estamos salvos! Cristo, o Cordeiro Pascal, não morreu para eliminar a Lei; pelo contrário, Ele satisfaz a exigência da Lei em nosso favor. Agora, pela fé e com uma gratidão constante, somos capazes de seguir as pegadas de Cristo enquanto Seus filhos, enquanto descendência de Abraão e herdeiros da promessa.

As obras são um memorial da Salvação concedida pelo Senhor. Elas nunca são a fonte dessa Salvação! Nos dias de Moisés, quando as crianças perguntavam: “O que significa esta cerimónia?”, os pais respondiam: “Este é o sacrifício da Páscoa do Senhor, que passou as casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu aos egípcios, e livrou as nossas casas” (Êxodo 12:26 e 27).

Assim, hoje, quando damos as boas-vindas às horas do Sábado com oração e hinos, quando participamos na Santa Ceia ou quando estudamos juntos a Palavra de Deus e alguém pergunta: “Porque fazemos isto?”, temos uma resposta: “Nós o amamos, porque ele nos amou primeiro” (I João 4:19). ♡

• Andrews W. Kerbs
Estudante

Ir a todo o mundo

FOCANDO-NOS NA EVANGELIZAÇÃO DA JANELA 10/40

“E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim” (Mateus 24:14).

Um pronunciamento, uma ordem, um convite e uma promessa. Esta passagem das Escrituras, posta lado a lado com a Grande Comissão de Mateus 28:19, desafia diretamente a fé e a ação dos Adventistas do Sétimo Dia. Estamos nós a aguardar passivamente pelo regresso de Jesus ou está Ele à nossa espera?

Este artigo é um relato sobre como fazer-se algo intencional, focado e dirigido diretamente para se partilhar a história maravilhosa do grande amor de Deus e para se apressar o regresso de Jesus.¹ Este é um relato sobre a organização *Gospel Outreach*, uma organização integrada por lei-

gos voluntários, sediada em College Place, Washington, e que tem congêneres no Canadá e no Brasil. Mais importante do que isto, esta é a história de uma região do mundo chamada Janela 10/40 e é também a história de como a *Gospel Outreach* faz parte de uma estratégia para conquistar essa região para Deus.

O conceito “Janela 10/40” foi criado pelo missionário cristão Luís Bush, em 1990, porque essa área geográfica fica entre 10 e 40 graus de latitude norte. Inclui o Norte de África, o Médio Oriente, a Índia, a China e as Filipinas. Praticamente toda a população mundial que ainda não foi alcançada pelo Cristianismo vive nessa área.

Dos sete mil milhões de pessoas que vivem no mundo, cerca de 3 mil milhões nunca tiveram

uma oportunidade de ouvir falar sobre Jesus, e 97% destes vivem na Janela 10/40.² Aqui, uma pessoa pode ser ganha para Cristo por menos do que custa uma *pizza* nos Estados Unidos.³ Perante esta informação, talvez pensasse que os Cristãos fariam entusiasticamente da Janela 10/40 a sua primeira prioridade. Mas não é isso que acontece. O investimento em evangelismo tendo como alvo a Janela 10/40 é irrisório: Um décimo de 1% dos orçamentos das Igrejas Cristãs.⁴

“Com toda a sinceridade, e para nossa contínua vergonha, admitamos que as pessoas do mundo não alcançadas pelo Evangelho e que estão a perecer são muito raramente mencionadas em quase todas as Igrejas”, diz Phil Bogosian, diretor internacional da campa-

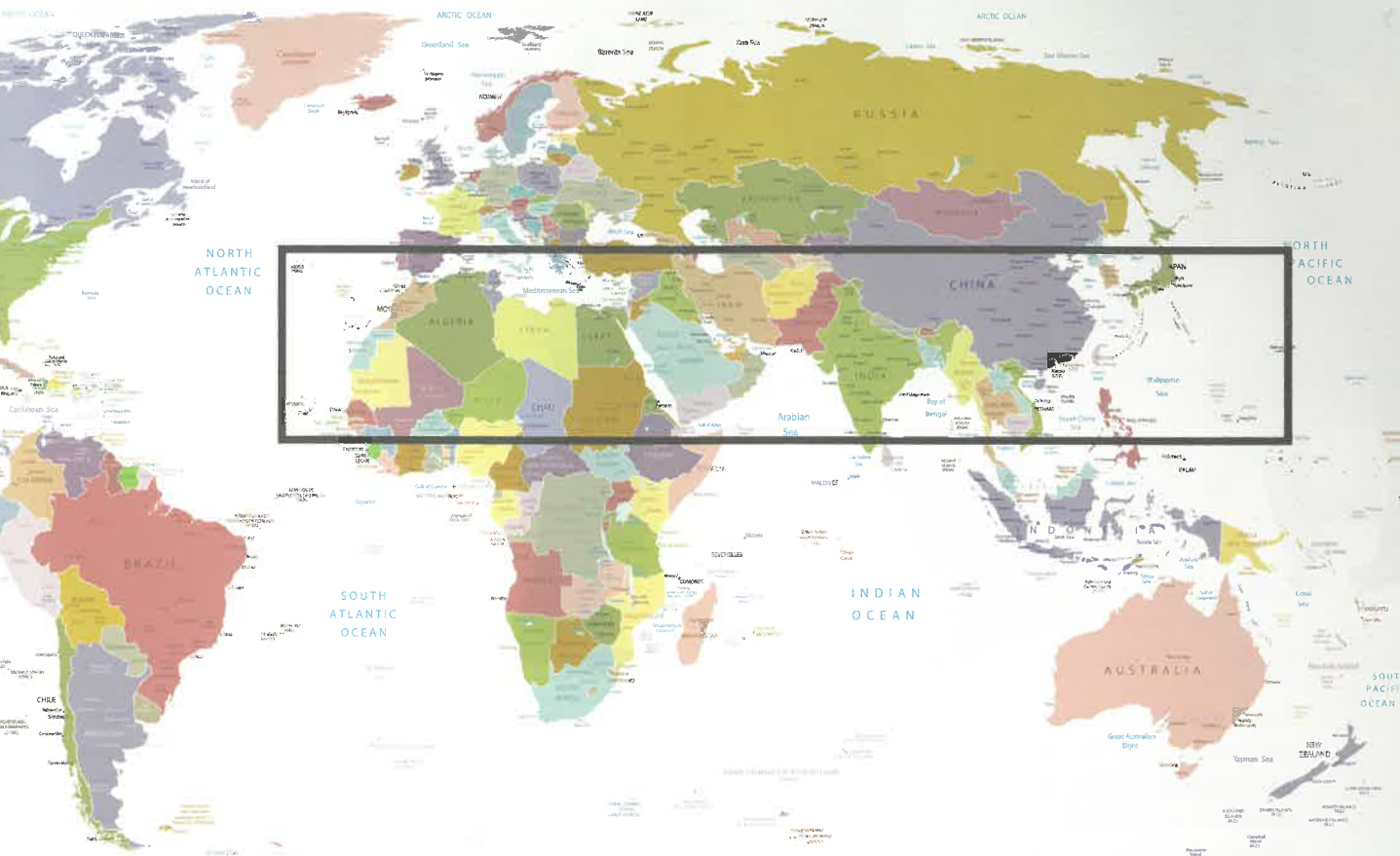
inha “Adote um Povo”, uma organização cristã que tem por objetivo alcançar os que ainda não foram alcançados com o Evangelho. Que esta censura não possa ter por alvo os Adventistas!

Espalhando-se como um fogo descontrolado

“Sempre foi minha ambição pregar o evangelho onde Cristo não era conhecido”, escreveu o apóstolo Paulo há cerca de 2000 anos (Romanos 15:20). Há vinte anos, esta filosofia levou à fundação da *Gospel Outreach*. A sua missão: fazer a diferença, apresentando Jesus às pessoas da Janela 10/40.

“Uma chave importante para espalhar o Evangelho nesta área é usar obreiros indígenas”, diz Ted N. C. Wilson, Presidente da Conferência Geral. “Eles já conhecem a língua, a religião, a cultura do povo.”

Ao longo da sua História, o pessoal voluntário da *Gospel Outreach* tem trabalhado com a Igreja Adventista do Sétimo Dia, reunindo fundos para apoiar obreiros bíblicos locais, que são empregados e treinados pelos escritórios da missão Adventista. “Os resultados são espantosos”, diz Dan Preas, Presidente da



Gospel Outreach. “Em geral, cerca de 75% dos batismos em muitas áreas da Janela 10/40 devem-se aos dedicados esforços dos obreiros bíblicos apoiados pela *Gospel Outreach.*” “A *Gospel Outreach* é o motor da Divisão Sul Asiática”, diz P. Wilbert, Presidente da Missão de Andhra do Sul, na Índia.

Ron Watts, antigo presidente da Divisão Sul Asiática, vê a Janela 10/40 como uma área plena de oportunidades. “Logo que façam uns poucos discípulos dentro de um grupo étnico particular, eles podem ser treinados e capacitados para espalharem como um fogo descontrolado a mensagem entre os restantes membros do seu grupo étnico”, diz ele.

Embora seja encorajador ouvir relatos como este, fica ainda diante de nós uma enorme tarefa. Milhões e milhões aguardam para ouvir falar de Jesus pela primeira vez. Recentemente a *Gospel Ou-*

treach lançou o programa “Adote um Missionário” (adoptaworker.org). Através deste programa, indivíduos, famílias, classes da Escola Sabatina, igrejas e escolas patrocinam obreiros bíblicos que estão a trabalhar na Janela 10/40. Os patrocinadores recebem informações periódicas sobre o trabalho do seu obreiro. As suas histórias testificam acerca do poder transformador de vidas de Deus e desafiam cada um de nós a sermos parceiros com Deus na preparação do mundo para a vinda de Cristo.

A 15 minutos da morte

Apesar do brilho de uma lâmparina perto dela, as trevas cercam Rahel. Os seus pensamentos espelham a escuridão e a chuva da tempestade que cerca a sua casa no Norte da Índia. *A minha vida não tem alegria. Sinto-me tão só, tão vazia. Estou cansada, mas não posso dormir. Tenho medo.* Alguns meses

antes, Rahel poderia ter chorado, mas hoje não há alívio.

Um bater sonoro na porta da frente intromete-se nos pensamentos de Rahel. Hesitando brevemente, ela abre a porta. O seu marido, Vijay, entra cambaleante e molhado, bêbado e descontrolado. “Não podes abrir a porta mais depressa? Não serves para nada?”, grita ele, zangado. Ela encolhe-se com medo, preparando-se para a habitual tarefa. Vijay ergue a mão para a esbofetear. “Odeio-te. Sai já da minha casa!”

O som da briga e da gritaria acorda as crianças. Vijay vira-se para descarregar a sua fúria nelas. Nesse momento, Rahel toma a sua decisão. *Eu não posso continuar. Eu nem sequer posso proteger os meus filhos. Vou-me matar e escapar desta vida.*

A passagem do tempo parece uma eternidade, mas o horror termina quando Vijay adormece.



Rahel volta a deitar as crianças, abraçando-as e beijando-as. Já passa da meia-noite, mas ela está totalmente desperta, debatendo-se entre o pensamento sobre o futuro dos seus filhos e o pensamento sobre os maus-tratos que sofre. *Apenas mais algumas horas. Devo fazer isto. Vou ingerir veneno e pôr fim à minha existência miserável logo após as crianças irem para a escola.*

Alguns minutos antes do suicídio planejado de Rahel, alguém bate à porta. É Mahesh Kumar Kaushal, um obreiro bíblico Adventista patrocinado pela *Gospel Outreach*. Desconhecedor do drama familiar que se desenrola naquele lar, Mahesh dá um folheto intitulado “Destrução pelo álcool” a Sachin, o filho de 8 anos de Rahel, que está prestes a sair para a escola.

Notando o conteúdo do folheto, Sachin corre ao encontro da mãe. “Mamã, mamã, olha! São boas notícias para o papá!” “Sachin deu o pequeno folheto a Vijay”, recorda Rahel. “O meu marido olhou para ele, mas não disse uma palavra. Em vez disso, para surpresa minha, ele correu para fora para descobrir o homem que estava a distribuir a literatura.” Minutos mais tarde, o

marido de Rahel regressou com o obreiro bíblico da *Gospel Outreach*. Mahesh sentou-se com Rahel e Vijay, lendo-lhes o folheto. Vijay ouviu com atenção. O Espírito Santo suavizou o seu coração endurecido. Ele começou a chorar, pedindo perdão. Mahesh convidou Rahel, o seu marido e os seus filhos para assistirem a reuniões evangelísticas. Ali, pela primeira vez, a família ouviu a história de Jesus e do Seu amor por todos eles, até mesmo por Vijay.

“Vijay significa ‘vitória’”, diz Rahel. “Nós vimos a vitória de Jesus na vida do meu marido. No fim das reuniões houve um apelo ao batismo. Nós aceitámo-lo com alegria e hoje somos Adventistas.”

Vijay diz: “Deus – que eu não conhecia – teve piedade de mim, derramou sobre mim a Sua graça. Pela Sua providência divina, Ele enviou a Sua pessoa escolhida para levar-me a mensagem do amor de Cristo e para abrir os olhos do meu coração, de modo a que a minha família e eu pudéssemos receber nova vida, alegria e felicidade.”

Mas este não é o fim da história. Como resultado de verem a mudança dramática na vida de Vijay, 160 pessoas na aldeia também decidiram seguir Jesus.

Entretanto, nos Estados Unidos

“Apenas no Céu teremos noção de todas estas histórias”, diz Rahela Vrbeta. Rahela e o seu marido, Boris, são donos do Centro de Estilo de Vida de Seven Springs, perto de Priest River, Idaho. Os Vrbetas começaram recentemente a patrocinar Mahesh Kumar, o obreiro bíblico que ajudou a salvar a vida de Rahel. Talvez nós vejamos um vislumbre da providência de Deus até nos dois nomes das duas pessoas desta história: Rahel, a Indiana, e Rahela, a patrocinadora de Mahesh.

“Somos tão pouco merecedores, tão indignos do que Deus tem feito por nós”, diz Rahela. Ser capaz de patrocinar diretamente um obreiro bíblico na Janela 10/40 é uma maneira de devolver um pouco das bênçãos de Deus, de partilhar com outros o amor tão livremente ofertado. Na minha juventude eu queria ser missionária, mas Deus tinha outros planos para mim, incluindo o meu marido, Boris!”, diz Rahela. “Mas agora podemos fazer uma parceria com obreiros bíblicos, e eu posso ser uma missionária desta forma. Acreditamos que este é o melhor emprego que podemos dar aos nossos dólares.”



Mahesh, grato pela oportunidade de servir ao Senhor, vê uma messe amadurecida pronta a ser colhida em todas as direções para onde olha.

“A minha oração é: 'Amado Senhor, envia os ceifeiros para que a messe possa ser colhida e armazenada na Tua casa'”, diz Mahesh. “Que esta obra possa ser terminada antes de o nosso Senhor voltar. E que aqueles que prestaram assistência nesta grande obra vejam os frutos e se alegrem no reino celestial, sabendo que o seu apoio e o seu sacrifício não foram em vão.”

Existem 25 aldeias com uma população de cerca de 130 000 pessoas na área onde Mahesh vive. “O meu objetivo é levar a mensagem do amor de Cristo a todas estas pessoas até ao fim de 2014”, diz ele. “Eu estou convicto de que muitas mais famílias, como a de Vijay e Rahel, serão fortes testemunhas do Senhor.”

Fazer a diferença

Tal como este artigo mostra, podemos fazer a diferença na vida das pessoas, agora e por toda a eternidade. O nosso chamado não é para estarmos sentados nos bancos da igreja, socializando e brincando às igrejas. Em vez disso,

Jesus pediu a cada um de nós para fazermos parte de uma missão de salvamento ordenada por Deus e com um foco não apenas local, mas global.

“Com uma população mundial tão grande e com tão poucos seguidores de Cristo, a tarefa de espalhar o amor de Jesus e o Seu Plano da Salvação na Janela 10/40 é esmagadora”, diz Larry Dodds, presidente da direção da *Gospel Outreach*. “A *Gospel Outreach* patrocina atualmente mais de 2000 obreiros bíblicos na Janela 10/40, mas há uma necessidade crítica de mais obreiros.” Eis o que o Leitor pode fazer para ajudar a cumprir a Grande Comissão:

Ore. Seja um guerreiro de oração em favor da Janela 10/40. Ore pelas pessoas que vivem ali. Ore pelos membros da Igreja, cujas vidas são um testemunho para aqueles que estão ao seu redor. Ore pelos líderes da Igreja, pelos pastores e pelos obreiros bíblicos. Peça ao Senhor da colheita que envie mais obreiros (Mateus 9:38).

Partilhe. Seja um embaixador e transmita a outros as necessidades da Janela 10/40.

Adote. Seja um missionário

noutros países sem deixar o seu lar adotando um obreiro bíblico. Para obter mais informação visite o site adoptaworker.org. A *Gospel Outreach* aumenta, mas não substitui, as ofertas para a missão que apoiam o evangelismo patrocinado pela Igreja. Visite o site AdventistMission.org para ver como os ministérios leigos apoiados pela Igreja aumentam o esforço global de evangelismo da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

“A pergunta que temos de nos colocar é se queremos verdadeiramente que Jesus volte”, diz Preas. “Se verdadeiramente queremos que Ele volte, o nosso coração será modificado. Voltaremos a amar como Ele ama e este amor compeli-
r-nos-á a levarmos o Evangelho a todo o mundo – para libertarmos os cativos da prisão do pecado.”

• **Kevin Waite**

Membro da direção
da *Gospel Outreach*

1. Ellen G. White, *Christ's Object Lessons*, Washington, DC: Review and Herald, 1900, p. 69.
2. www.joshua-project.net/great-commission-statistics.php.
3. Menos de 6 dólares por batismo (dados da *Gospel Outreach*).
4. David B. Barret e Todd M. Johnson (eds.), *World Christian Trends, A.D. 30- A. D. 2200*, Pasadena, Calif.: William Carey Library, 2002, p. 661.

Educação Adventista: uma estratégia divina

O Conselho Nacional de Educação (CNE), organismo consultivo do Departamento de Educação da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, tem como objetivo primordial refletir sobre a Educação Adventista e sobre os seus mais diversos intervenientes: encarregados de educação; pastores e comunidade da IASD; alunos e profissionais de educação do ensino público e privado, seja este da Rede Escolar ASD ou não. Partindo de uma perspetiva clara de que a educação das crianças e dos jovens adventistas resulta da ação de vários agentes educativos – Lar, Igreja e Escola – e que busca alcançar mais do que uma sólida e coerente preparação académica para este competitivo mundo, isto é, busca preparar candidatos para o mundo vindouro, o CNE considerou importante propor um conjunto de passos que a Igreja Adventista em Portugal, os seus membros, as congregações e a própria União, devem dar para conhecerem, acreditarem e se envolverem na Educação Adventista, reforçando este braço importante da Obra do Senhor na Terra. Movido pela preocupação de manter viva a chama e a estratégia divina de “Educar para a Eternidade”, num momento difícil mas desafiante como o que estamos a viver, o CNE debruçou-se sobre o assunto e emitiu a declaração seguinte.

Desde muito cedo que o movimento Adventista abraçou o projeto educativo das suas crianças e dos seus jovens. O mandamento de Deus para o Seu povo – “Todos os teus filhos serão ensinados do Senhor”¹ – estava bem assimilado e apresentava-se claramente como parte da Missão da jovem Igreja. Os esforços foram incalculáveis! O investimento humano, em construções e em recursos, foi efetuado sempre alinhado com a visão redentora da educação.

Os resultados são visíveis nos dias de hoje. Famílias e igrejas estão unidas na educação das suas crianças e jovens com uma variedade de Ministérios que, colaborando uns com os outros, asseguram uma instrução religiosa para os mais pequenos.

Mas a Igreja Adventista do Sétimo Dia prosseguiu num ideal mais elevado, instituindo um sistema escolar mundial de elevado valor e com reconhecimentos diversos que atestam a excelência e a orientação divinas no seu já maduro percurso de vida. Escolas Adventistas surgiram em todos os continentes, acompanhando o desenvolvimento e ajudando no crescimento da Igreja. O plano educativo traçado por Deus para a Sua Igreja e para o Seu povo é hoje uma realidade e uma bênção, a ponto de se considerar a educação como sendo um dos braços da Obra do Senhor. Estamos, então, perante uma estratégia divina de enorme relevância que a Igreja não deve perder de vista, nem deixar de incluir nos seus planos e nas suas ações.

Mas toda e qualquer estratégia deve adaptar-se às realidades espaço-temporais, às necessidades e às expectativas da Igreja no momento. Qual é a realidade da Educação Adventista nos dias de hoje? Que necessidades, expectativas, visão e missão tem ou necessita de ter a Igreja Remanescente em Portugal?

O Conselho Nacional de Educação (CNE), organismo consultivo do Departamento de Educação da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia (UPASD), que tem como objetivo primordial “refletir sobre a Educação Adventista, sobre os seus mais diversos intervenientes: encarregados de educação; pastores e comunidade da IASD; alunos e profissionais de educação do ensino público e privado, seja este da Rede Escolar ASD ou não”,² movido

pela preocupação de manter viva a chama e a estratégia divina de “Educar para a Eternidade”, debruçou-se sobre o assunto elaborando o presente documento. Que passos deve dar a Igreja Adventista em Portugal para conhecer, para acreditar e para se envolver na Educação Adventista?

O CNE propõe dez passos para manter viva a estratégia educativa da Igreja Adventista em Portugal:

1. Divulgar o precioso legado profético sobre a Educação, incentivando cada família, igreja e escola Adventista a estudá-lo continuamente, descobrindo os seus sábios conselhos e orientações.
2. Promover regularmente oportunidades e momentos de reflexão, no sentido de as famílias, igrejas e União avaliarem as condições, necessidades e oportunidades para manter a Educação Adventista como uma parceria saudável entre os agentes educativos: Lar, Igreja e Escola.
3. Incentivar cada família Adventista a conhecer, a acreditar e a envolver-se na estratégia divina de educar os seus filhos para o exercício responsável da cidadania neste mundo, mas também, e sobretudo, no mundo vindouro. Neste sentido, importa despertar e exortar todos a quem Deus deu responsabilidades neste sentido para que tomem decisões conscientes e consistentes com a revelação divina.
4. Apoiar com informação e aconselhamento as famílias que optam por praticar o Ensino Doméstico, o Ensino Individual ou o Ensino à Distância com os seus filhos, sempre na concretização das orientações divinas, no horizonte da Declaração da Filosofia Educacional Adventista³ e do enquadramento legal em vigor.

5. Considerando que a maioria das crianças e dos jovens Adventistas não usufruem de uma educação equilibrada (que seja a mesma no Lar, na Igreja e na Escola), é necessário apoiar, em recursos e ações de sensibilização e de formação, os Lares e Igrejas Adventistas que sempre proporcionam às suas crianças e jovens uma instrução religiosa. Neste sentido importa estabelecer estreitos contactos e parcerias com os outros Ministérios da Igreja, nomeadamente os Ministérios da Criança, a Juventude Adventista e os Ministérios do Lar e Família. A comunidade Adventista deve estar atenta e alerta para os perigos e incoerências a que os seus filhos estão sujeitos diariamente.
6. Procurar criar sinergias entre o Lar, a Igreja e a Rede Escolar ASD, entre os encarregados de educação, os pastores, as comunidades da IASD e os profissionais de educação, numa plataforma de diálogo, partilha e espírito de oração intercessória. O caminho a seguir é o de uma construção permanente, de entajada e de missão. Devem estes agentes proporcionar momentos onde as crianças e os jovens reflitam sobre a sua vida espiritual e devem revelar preocupação por estes, implicando-se intencionalmente, aceitando-os entusiasticamente, amando-os incondicionalmente e envolvendo-os na comunidade e na missão da Igreja.
7. Promover momentos de formação para os profissionais de educação Adventistas que exercem o seu ministério na Rede Escolar ASD ou fora desta. Proporcionar recursos e oportunidades para estes profissionais assumirem o seu ministério e

disciplinado com alegria, coerência e intencionalidade.

8. Apoiar os estudantes Adventistas de todos os níveis de ensino que não têm o privilégio de serem educados numa instituição Adventista, através de recursos, encontros e outras estratégias que promovam o seu desenvolvimento como discípulos de Cristo.
9. Estabelecer a ponte com a Associação de Universitários Adventistas, no sentido de assegurar o acompanhamento dos universitários e a sua integração na comunidade de crentes. Para todos os universitários, incluindo pré e pós universitários, importa proporcionar momentos e oportunidades de reflexão sobre os mais diversos assuntos, no sentido de reforçar as suas crenças e escolhas.
10. Promover, disponibilizar e administrar um sistema escolar designado “Rede Escolar ASD”, que procura oferecer aos lares Adventistas um percurso académico de excelência que complemente ou continue o esforço educativo iniciado nos lares e nas igrejas. Este conjunto de escolas, da tutela da União, da Assistência Social Adventista ou das igrejas locais, deve procurar seguir, para além da Filosofia Educacional Adventista que as une, um caminho de uniformização de procedimentos, de imagem, de projetos e de planos de ação.

Para o cumprimento da sua missão, o Departamento de Educação disponibiliza um conjunto de ferramentas e recursos em consonância com o Plano Estratégico da UPASD. ♣

26 de janeiro de 2014

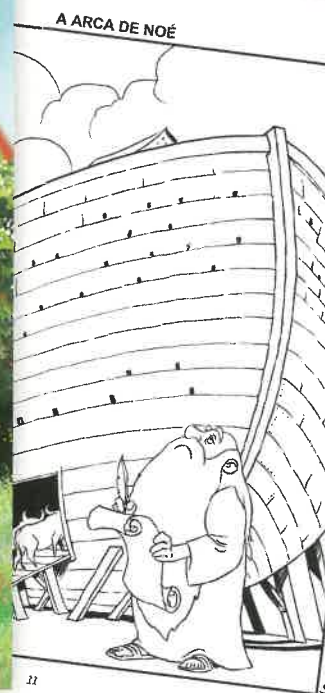
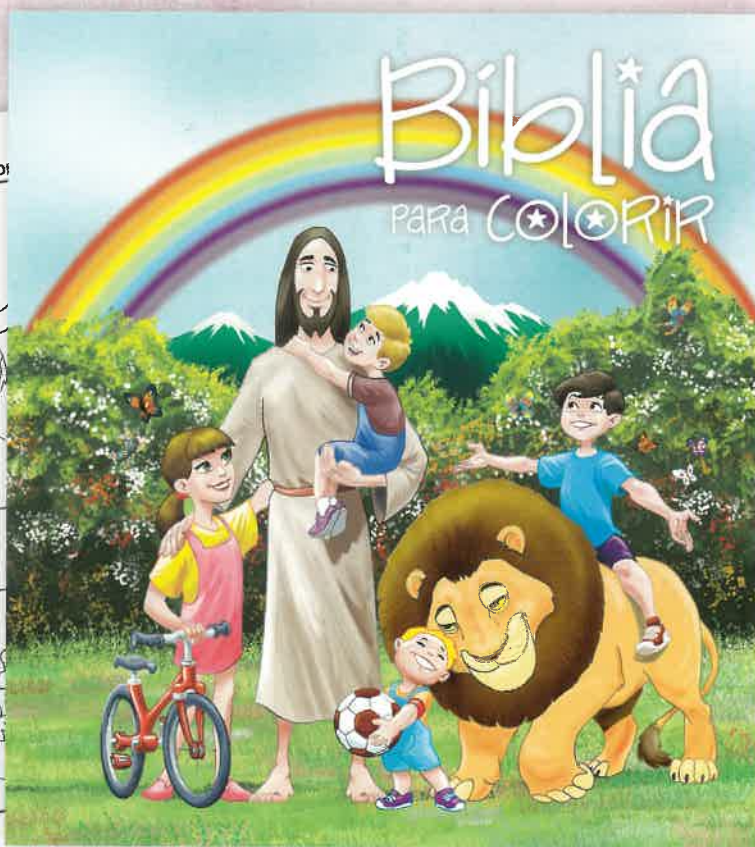
1. Isaías 54:13.

2. Filosofia e Propósitos do Conselho Nacional de Educação da UPASD, 2007.

3. Declaração da Conferência Geral, 2001.

NOVIDADE

LIVRO COM ILUSTRAÇÕES DOS EPISÓDIOS MAIS MARCANTES NARRADOS NA BÍBLIA



"Um mundo a preto e
branco é impossível
de imaginar.

Um mundo criado por Deus
é um mundo de cor."

Os Editores



ligue > 21 962 62 00

Publicadora SERVIR